

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO ANDREW JUMPER

M. DIV. EM ACONSELHAMENTO BÍBLICO

O ABUSO SEXUAL E A SOBERANIA DE DEUS NO ÂMBITO DO

ACONSELHAMENTO BÍBLICO:

COMO RESPONDER ÀS DEMANDAS DE SOBREVIVENTES E DE CONSELHEIROS

POR

LUISA TEIXEIRA ALBERTI CARNEVALI

SÃO PAULO

2024

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO ANDREW JUMPER

M. DIV. EM ACONSELHAMENTO BÍBLICO

O ABUSO SEXUAL E A SOBERANIA DE DEUS NO ÂMBITO DO

ACONSELHAMENTO BÍBLICO:

COMO RESPONDER ÀS DEMANDAS DE SOBREVIVENTES E DE CONSELHEIROS

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, em cumprimento às exigências para a obtenção de Grau de Mestre em Aconselhamento Bíblico.

POR

LUISA TEIXEIRA ALBERTI CARNEVALI

ORIENTADOR: PROF. DR. VALDECI DA SILVA SANTOS, Ph.D.

SÃO PAULO , 2024

LUISA TEIXEIRA ALBERTI CARNEVALI

**O ABUSO SEXUAL E A SOBERANIA DE DEUS NO ÂMBITO DO
ACONSELHAMENTO BÍBLICO:
COMO RESPONDER ÀS DEMANDAS DE SOBREVIVENTES E DE CONSELHEIROS**

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, em cumprimento às exigências para a obtenção de Grau de Mestre em Aconselhamento Bíblico.



Orientador: Prof. Dr. Valdeci da Silva Santos, Ph.D.

Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper

Dedico este trabalho às queridas
crianças do sertão e à incrível menina
que, certa vez, me pediu para dedicar
meu primeiro pedaço de bolo de
aniversário a ela.

Hoje, te dedico mais uma vez.

AGRADECIMENTOS

Ao Amado da minha alma, que tem me guiado na jornada, capacitando-me para ir além de mim mesma, por sua tremenda graça.

Aos sobreviventes entrevistados, por me concederem o grande privilégio de ouvir suas histórias, e a cada aconselhado com os quais tive a honra de caminhar durante meus anos como missionária no sertão.

À minha querida mãe, Isabela, que me apoiou ao longo de todo o processo com suas incríveis habilidades, tanto jornalísticas, relendo e corrigindo esta monografia incontáveis vezes, quanto maternas, sua melhor faceta.

Aos meus queridos amigos que estiveram comigo em cada etapa deste longo período, sempre dispostos a ouvir meus longos questionamentos e angústias. Em especial, minha querida amiga Gabriela Abreu e a amiga que o mestrado me proporcionou, Isabella Silveira.

Aos meus irmãos em Cristo que se dispuseram a ter encontros - presenciais e virtuais - para debates sobre o tema e que me auxiliaram na pesquisa. Em especial, a Rodrigo Pegoraro pela ajuda com os materiais, e aos irmãos Eliabe Abreu, Tiago Drumond, Luiz Favato, Gabriel Pacheco, Matheus e Julia Guedes, pela reunião regada a strogonoff.

Aos meus mestres, que me constroem com a excelência com que exercem a vocação de conselheiros bíblicos: Andréa Vargas, Valdeci Santos e Jonatas Miranda.

RESUMO

O presente trabalho monográfico tem como objetivo analisar as implicações teológicas relacionadas à soberania divina diante da realidade do abuso sexual, considerando as perspectivas dos sobreviventes e dos profissionais de aconselhamento atuantes nesta área. Este estudo visa preencher uma lacuna literária específica sobre o tema, fornecendo um recurso prático para sessões de aconselhamento, visando contribuir para a compreensão e abordagem desse tema sensível. Na introdução destacamos a importância do aconselhamento bíblico para os sobreviventes de abuso e consideramos as diferentes formas que tanto conselheiro quanto aconselhando se debruçam sobre o tema. No primeiro capítulo contemplamos as definições de abuso sexual, apresentamos os dados estatísticos dessa cruel realidade e adentramos na cosmovisão cristã sobre o tema. No segundo capítulo adereçamos a grande pergunta que causa angústia em sobreviventes e conselheiros: “como um Deus bom e soberano pode permitir tamanho mal?”. No terceiro capítulo apresentamos a coleta de dados das entrevistas realizadas com sobreviventes e mapeamos as três maiores demandas apresentadas, a saber: medo, sentimento de injustiça e necessidade de autonomia. No quarto capítulo apresentamos respostas bíblico teológicas para cada demanda apresentada anteriormente. No quinto capítulo adentramos à teologia aplicada, fornecemos aparato teológico para o conselheiro no que diz respeito às suas angústias particulares sobre o tema, para que possa ser eficaz na legitimidade da sua vocação; abordamos a ênfase teológica para a resposta que o aconselhado procura, reconhecendo em Cristo a identificação de um homem de dores, tal qual o sobrevivente e concluimos com dicas práticas para sessões de aconselhamento bíblico.

Palavras-chave: Aconselhamento bíblico, abuso sexual, violência sexual, sofrimento, medo, autonomia, controle, injustiça, justiça retributiva, atributos de Deus, bondade, soberania, Deus sofredor, cosmovisão bíblica, conselheiro bíblico, aconselhado.

ABSTRACT

The present monographic work aims to analyze the theological implications related to divine sovereignty in the face of the reality of sexual abuse, considering the perspectives of survivors and counseling professionals working in this area. This study seeks to fill a specific literary gap on the topic, providing a practical resource for counseling sessions, aiming to contribute to the understanding and approach of this sensitive issue. In the introduction, we highlight the importance of biblical counseling for abuse survivors and consider the different ways in which both counselor and counselee engage with the topic. In the first chapter, we contemplate the definitions of sexual abuse, present statistical data on this cruel reality, and delve into the Christian worldview on the topic. In the second chapter, we address the overarching question that causes distress in survivors and counselors: "how can a good and sovereign God allow such evil?" In the third chapter, we present the data collected from interviews with survivors and map out the three main demands presented, namely: fear, feelings of injustice, and the need for autonomy. In the fourth chapter, we present biblical-theological responses to each demand presented earlier. In the fifth chapter, we delve into applied theology, providing theological framework for the counselor regarding their particular anxieties on the topic, so they can be effective in the legitimacy of their vocation; we address the theological emphasis for the response that the counselee seeks, recognizing in Christ the identification of a man of sorrows, much like the survivor, and conclude with practical tips for biblical counseling sessions.

Keywords: Biblical counseling, sexual abuse, sexual violence, suffering, fear, autonomy, control, injustice, retributive justice, attributes of God, goodness, sovereignty, suffering God, biblical worldview, biblical counselor, counselee.

SUMÁRIO

Introdução.....	3
1. O Abuso Sexual.....	6
1.1 Levantamento de dados.....	6
1.2. Cosmovisão Bíblica	9
2. A Grande Pergunta	14
3. Algumas consequências do abuso na realidade do sobrevivente.....	16
3.1. Medo	18
3.2. Sentimento de injustiça	20
3.3. Necessidade de autonomia	21
4. Respostas Bíblico Teológicas	24
4.1. Para o medo, há Bondade.....	24
4.2. Para o Sentimento de Injustiça, há a Justiça Retributiva	27
4.3. Para a Necessidade de Autonomia, há a Soberania.....	30
5. Teologia Aplicada	34
5.1. Conselheiro	34
5.2. Aconselhado	38
5.3. O Aconselhamento	41
Conclusão.....	45
Referências Bibliográficas	46

Introdução

O abuso sexual é um crime perpetrado com uma frequência chocante ao redor do mundo. Apenas no Brasil, estima-se que uma pessoa é estuprada a cada 11 minutos.¹ Esse crime hediondo deixa marcas profundas nas vítimas, tanto em seu corpo como em sua alma.

O aconselhamento bíblico nesses casos se faz imprescindível, pois, como salienta Lambert, o sofrimento carece e acentua a necessidade da Palavra ser ensinada e aplicada.² Entende-se por aconselhamento bíblico, a prática da teologia aplicada a uma demanda específica enfrentada por uma pessoa que busca auxílio de um conselheiro.³ O processo de aconselhamento é crucial para o sobrevivente do abuso sexual lidar com tamanho sofrimento decorrente do pecado cometido contra ele.

As necessidades teológicas dos sobreviventes são vastas e complexas de tal forma que, como abordaremos, a depender do caso, até mesmo o próprio conselheiro requer de uma direção específica e acurada bíblicamente para ser eficaz em seus propósitos. Entende-se que são muitas as esferas que devem ser trabalhadas em aconselhamento com um sobrevivente, todavia, o intuito deste trabalho acadêmico é endereçar as questões teológicas sobre a soberania de Deus e o abuso sexual levantadas pelos sobreviventes e até mesmo pelos missionários e conselheiros que atuam na área.

O problema central a ser respondido na monografia é o que dá título a esse trabalho: “Como responder às demandas de sobreviventes e de conselheiros sobre o abuso sexual e a soberania de Deus?”. A proposta desse material é contribuir para diminuir singelamente a lacuna literária específica existente dentro do tema da violência sexual e a soberania de Deus, no âmbito do aconselhamento bíblico. Além disso, a intenção é que seja utilizado de forma prática, de maneira que as colaborações teológicas do tema em questão sejam empregadas pelos conselheiros cristãos, missionários e pastores, ao redor do Brasil, no processo de aconselhamento, auxiliando-os em suas caminhadas e dos sobreviventes que serão acompanhados por eles.

¹ ARAÚJO, Ana Paula. *Abuso: a cultura do estupro no Brasil*. Rio de Janeiro: Globo livros, 2020, p.11 Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP)

² LAMBERT, Heath. *Teologia do Aconselhamento Bíblico*. Eusébio, CE: Editora Peregrino, 2017, p. 292.

³ MIRANDA, J. S. *Importância Do Aconselhamento Bíblico Para a Igreja Local*. Fides Reformata, [s. l.], v. 28, n. 2, 2023, p.49. Disponível em: <<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rft&AN=ATLAIXUA240111000735&lang=pt-br&site=ehost-live>> Acesso em: 28 mar. 2024.

O estudo teológico sobre o sofrimento vivenciado pelo sobrevivente apenas analisado de forma puramente acadêmica ou sistemática, porém distante do sofrimento real e suas implicações práticas, corre o risco de ser cru, preto no branco, ou, como diz Keller, tende a carregar um “tom desapegado e analítico”.⁴ Contudo, o sofrimento não é preto e branco, mas tem nuances, escalas de cinza e isso deve ser levado em consideração, especialmente em um trabalho com ênfase na prática da teologia aplicada à demanda de quem sofre, a saber: o aconselhamento bíblico.

Erickson declara que:

Não conhecer a forma religiosa do problema do mal parecerá falta de sensibilidade; não lidar com a forma teológica parecerá um insulto intelectual. Especialmente quando os dois aspectos se encontram, é importante reconhecer e distinguir os respectivos componentes.⁵

Por esse motivo é imprescindível ser imbuído de sensibilidade ao tratar dos dilemas e questões que angustiam o coração de sobreviventes da violência sexual.

Como Timothy Keller⁶ e Erickson⁷ apontam em seus escritos, a abordagem de um escritor deve "variar", a depender do público a quem se destina. Não que o conteúdo será diferente, mas a forma de apresentá-lo, pois o objetivo por trás da mesma pergunta é diferente para cada grupo. São esses os grupos: (1) pessoas que estão em sofrimento profundo por terem sido vítimas direta do mal e (2) pessoas que desejam compreendê-lo academicamente.

Ainda dentro do segundo grupo temos dois tipos de pessoas, os estudiosos que desejam conhecer mais do tema de forma sistemática e outro grupo, que tem essa demanda apresentada por seu próprio coração que sofre e se angustia ao ver a dor do outro, mas ainda assim, busca resposta acadêmica para tal – neste último caso, normalmente, encontram-se os conselheiros que se deparam com o tema em situações cruéis e desumanas nas suas práticas de aconselhamento.

Sendo assim, podemos afirmar que esse estudo tem pesos diferentes para pessoas diferentes. O sobrevivente, que muitas vezes se sente indignado com Deus, busca em seus questionamentos refrigério para sua dor. Algo em que ele possa se apegar, um amparo, uma certeza de algo maior do que o sofrimento que dilacera sua vida. Sua busca é visceral.

⁴ KELLER, Timothy. *Caminhando com Deus em meio à dor e o sofrimento*. São Paulo: Vida Nova, 2016, p.120

⁵ ERICKSON, Millard J. *Teologia Sistemática*, São Paulo: Vida Nova, 2015, p.411.

⁶ KELLER, 2016, p.17-18.

⁷ ERICKSON, 2015, p.410-411.

O conselheiro busca conhecimento acadêmico para responder as perguntas do aconselhado, perguntas essas que podem vir de forma explícita ou implícita, e também para sanar seus próprios questionamentos ao ver de forma tão brutal o mal em sua frente, o que também pode ser visceral. Saber que a miséria existe é uma coisa, ver diante dos seus olhos uma pessoa cujo nome você sabe, morrer de fome na sua frente, é outra. O mesmo ocorre em caso de abuso sexual. O estudo teológico que abarca o sofrimento em tamanha magnitude, como no caso do abuso sexual, será apresentado para dois públicos diferentes: quem sofre e quem aconselha quem sofre, com intuito de “(...) expor a escuridão do coração para que o evangelho possa ser aplicado”.⁸

Para esse propósito a metodologia utilizada no presente trabalho é híbrida, apresentando uma pesquisa bibliográfica considerando a cosmovisão cristã como fundamento para a pesquisa e entrevistas com sobreviventes de violência sexual. As entrevistas e casos relatados são verídicos e foram coletados pela autora ao longo do período compreendido entre março de 2023 e maio de 2024.

É relevante salientar que, em virtude da delicadeza dos temas abordados e com o compromisso primordial de garantir a segurança e o anonimato dos participantes, os nomes dos entrevistados foram substituídos. Esta medida, adotada de forma ética e responsável, prima por resguardar a identidade dos envolvidos, proporcionando assim um ambiente de confiança que possibilitou a obtenção de relatos francos e genuínos.

Iniciamos o presente trabalho monográfico entendendo o que abrange o termo abuso sexual, a realidade dele no Brasil e no mundo e como devemos abordar o tema, especificamente, dentro da cosmovisão cristã. Após esse panorama, utilizando as entrevistas realizadas, abarcaremos as principais demandas e crises vivenciadas pelos sobreviventes a saber, (1) o medo (2) o sentimento de injustiça, (3) a necessidade de autonomia. Em seguida serão apresentadas respostas bíblico teológicas para essas demandas. Adentraremos à teologia aplicada, forneceremos aparato teológico para o conselheiro no que diz respeito às suas angústias particulares sobre o tema, para que possa ser eficaz na legitimidade da sua vocação; abordaremos a ênfase teológica para a resposta que o aconselhado procura, reconhecendo em Cristo a identificação de um homem de dores, tal qual o sobrevivente e concluiremos com uma abordagem prática para sessão de aconselhamento bíblico.

⁸ TRIPP, Paul. *Abrindo olhos vedados: outra visão da coleta de dados, coletânea de aconselhamento bíblico*, volume 2. Seminário Bíblico Palavra da Vida, 2004, p.29.

1. O Abuso Sexual

O *Protocolo de Palermo*⁹ utiliza o termo “pessoas em vulnerabilidade” para especificar vítimas de abuso e exploração sexual. Pessoas em vulnerabilidade são aquelas que por algum motivo – seja ele social, econômico, etário, dentre outros –, são mais propícias a serem vítimas de abuso e exploração. O documento declara que:

O abuso, portanto, pode se apresentar nas situações em que o agente se aproveita do seu poder, em uma relação hierárquica, ou da posição de vulnerabilidade da vítima, em razão de dificuldade financeira ou familiar – a título de exemplos –, para forçar o seu consentimento.¹⁰

Ou seja, o perpetrador aproveita da condição de vulnerabilidade da pessoa, seja ela adulto, adolescente ou criança, para abusar e/ou explorar, de forma a marcar para sempre a vida delas, gerando feridas, muitas vezes irreparáveis, apenas para seu prazer ou lucro pessoal.

De acordo com a *Organização Mundial de Saúde (OMS)*, abuso sexual é:

todo ato sexual, tentativa de consumir um ato sexual ou insinuações sexuais indesejadas; ou ações para comercializar ou usar de qualquer outro modo a sexualidade de uma pessoa por meio da coerção por outra pessoa, independentemente da relação desta com a vítima, em qualquer âmbito, incluindo o lar e o local de trabalho.¹¹

Dessa forma, o abuso sexual é qualquer atividade sexual verbal, visual ou física¹² que ocorre sem consentimento da vítima.¹³ A criança é considerada incapaz de consentir até os 14 anos de idade, sendo qualquer ato sexual realizado antes dessa idade considerado abuso de vulnerável.

1.1 Levantamento de dados

A ocorrência de abusos sexuais na história é antiga, bem antes de Tamar, filha do rei Davi (2Sm13.1-22) até os nossos vizinhos no dia de hoje, esse crime segue velado por toda parte. Sabe-se que a violência sexual é um crime subnotificado, estima-se que apenas 10% são

⁹ Instrumento legal internacional que trata do tráfico de pessoas, em especial de mulheres e crianças, elaborado no ano 2000, em vigor em 2003 e ratificado no Brasil em 2004.

¹⁰ ENFRENTAMENTO AO TRÁFICO DE PESSOAS NO BRASIL. AULA módulo II. Polícia Federal, 2020.

¹¹ ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>>. Acesso em: 21 de mar. 2024.

¹² “O abuso sexual verbal - pode incluir ameaças sexuais e comentários sexuais sobre o corpo da criança, observações lascivas, molestamento ou comentários sugestivos. O abuso sexual visual - inclui ver material pornográfico, exibicionismo e voyeurismo. Abuso sexual físico – inclui a relação, a cunilíngua, felação, sodomia, penetração digital, masturbação diante da criança ou a masturbação do adulto pela criança, carícias dos seios e órgãos genitais, e exposição do corpo da criança a outros. Esses atos podem ser executados na criança, ou a criança pode ser forçada a executar um ou todos eles”. LANGBERG, Diane Mandt. *Abuso Sexual: aconselhando vítimas*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002, p.76.

¹³ BRASIL. Lei n.º 12.845, artigo II, de 1 de agosto de 2013.

denunciados, entretanto, ainda assim, os números reportados são alarmantes. De acordo com a *ONG Childhood Brasil* a cada uma hora quatro crianças ou adolescentes são vítimas de violência sexual.¹⁴

O *Anuário Brasileiro de Segurança Pública* reporta que no ano de 2021 ocorreram 45.994 crimes de estupro de vulnerável, sendo que 61,3% destes foram cometidos contra meninas menores de 13 anos, somando um total de 35.735 vítimas.¹⁵ Além disso, 76,5% dos estupros acontecem dentro da casa da vítima, de acordo com o *Ministério de Direitos Humanos do Brasil*.¹⁶ Infelizmente, o sofrimento e o mal são tão disseminados que dados e números não nos perturbam ou surpreendem,¹⁷ até vermos face a face um rosto conhecido à frente das estatísticas, ou ouvirmos as histórias dos sobreviventes.

Mabel¹⁸ tinha 10 anos quando sua tia suspeitou do abuso. A menina sertaneja, de família humilde, morava em uma casa de chão de terra batido, seu banheiro era ao ar livre e seu espaço de dormir era uma esteira no chão entre a mãe e o pai. Ela começou a aparecer com sabonetes cheirosos em casa, o que chamou atenção da sua tia.

O perpetrador era seu vizinho de 53 anos que a presenteava com os sabonetes. Depois de alguma insistência de terceiros a tia abriu uma denúncia e descobriu que a menina já tinha uma passagem pelo conselho tutelar, aos cinco anos, quando foi abusada pelo irmão mais velho - que continuou morando na casa, com Mabel, todo esse tempo. Era costureiro, durante a noite, o irmão chamá-la pra ver algo no celular com ele, ela não queria, já estava deitada entre os pais e pronta para dormir, mas a mãe a obrigava – por mais de cinco anos foi assim. Pouco tempo depois da segunda denúncia o órgão público "arquivou" o caso mais uma vez, como da primeira. Seu pai é o capataz de um influente político na cidade, que lhe fez esse favor.

Dadas as devidas proporções, existe semelhanças no caso de Tamar, filha do Rei Davi, relatado em 2 Samuel 13.1-22 e o caso de Mabel e de diversas outras pessoas espalhadas pelo mundo. Tamar foi estuproada por seu meio irmão paterno Amnom no palácio do Rei, onde

¹⁴ Childhood Brasil. Disponível em: <https://www.childhood.org.br/nossa-causa/#cenario_infancia> Acesso em: 29 de março de 2024.

¹⁵ Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. – 1 (2006) – São Paulo: FBSP, 2023. Disponível em: < <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/07/14-anuario-2022-violencia-sexual-infantil-os-dados-estao-aqui-para-quem-quiser-ver.pdf>> Acesso em: 19 de março de 2024.

¹⁶ Ministério de Direitos Humanos do Brasil. Publicado em 17 de maio de 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/disque-100-registra-mais-de-17-5-mil-violacoes-sexuais-contra-criancas-e-adolescentes-nos-quatro-primeiros-meses-de-2023>> Acesso em: 19 de março de 2024.

¹⁷ KELLER, Timothy. *Caminhando com Deus em meio à dor e o sofrimento*. São Paulo: Vida Nova, 2016, p.12

¹⁸ Caso real, acompanhado pela autora, nome fictício para proteger a identidade da criança.

ambos habitavam. Ele premeditou o crime. Tamar relutou (2Sm13.12-13). Ele não a escutou, calou sua voz, a perpetrou e depois a expulsou de sua presença. Devastada, Tamar saiu correndo e foi avistada por seu irmão Absalão que, ao entender o que aconteceu, disse para que ela ficasse calada, assim como seu abusador (2Sm13.20).

A voz e o poder de Tamar foram minados mais uma vez. O rei Davi se indigna com o caso, mas não faz nada, nem como pai, nem como governante que era. Tamar some dos registros bíblicos, fica à sombra, morando na casa de seu irmão Absalão.¹⁹ As pessoas que deveriam lhe amparar ficaram passivas e omissas, a confiança de Tamar em seus relacionamentos certamente foi abalada com o episódio em si e suas consequências. Langeberg de forma didática e sensível classifica em três tópicos essa devastação na identidade da sobrevivente:

(...) experimentar uma atrocidade é vivenciar algo indizível. É indizível primeiramente porque sua natureza de horror é tão arrasadora que as palavras são terrivelmente inadequadas para comunicar o que aconteceu. Em segundo lugar, as palavras são falhas porque uma experiência dessa **silencia, isola e deixa impotente** (...) Essas coisas que a atrocidade esmagou – **voz, relacionamento e poder** – constituem a essência da individualidade.²⁰

Tanto Mabel, quanto Tamar tiveram seu caso exposto aos seus familiares e governantes e nenhuma atitude foi tomada. Ambas viveram na sombra do que lhes aconteceu.

De acordo com Langberg, elas viveram um trauma e como toda sobrevivente de abuso sexual foram: (1) silenciadas, pois a sua voz não foi ouvida para impedir e conter a violência perpetrada e nem mesmo foi levada em consideração ao expressar sobre o acontecido, sendo ignorada nas suas necessidades; (2) foram isoladas pelos seus, afinal não receberam proteção, acolhimento e validação quando buscaram auxílio, atenuando o senso de abandono, medo e falta de confiança; e (3) o sentimento de impotência diante do mal cometido, devido a falta de poder para escolher, afinal foi minada sua autonomia quando, contra sua vontade, foi totalmente subjugada à força e vontades alheias, tanto a do perpetrador no ato do abuso, quanto a posição da família, sua suposta rede de apoio, e, em alguns casos, de outras pessoas como amigos, professores, pastores e autoridades judiciais. Dessa forma perderam três características fundamentais que constituem a individualidade do ser, a saber: a voz, o poder e a confiança em seus relacionamentos. Perderam a identidade.

¹⁹ Ministério Cristão Alfa e Ômega. *Invisibilidade* - Andrea Vargas. YouTube. Publicado dia 23 de março de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RAIjsf5y2Vc>>. Acesso dia 23 de março de 2021.

²⁰ LANGBERG, 2002, p.51.

Casos como o de Tamar e o da concubina em Juízes (Jz 19) são intragáveis e a Bíblia não os omite. Por mais que seja extremamente desconfortável para o leitor se deparar com esses relatos bíblicos, não podemos esquecer que “o que você nem sequer consegue ouvir, deve ser suportado por pequenas meninas”.²¹

Isso nos mostra que Deus se importa com a história e com o que foi feito com as sobreviventes, os relatos bíblicos são, de certa forma, uma denúncia ao mundo, feita pelo próprio Deus, em relação à maldade perpetrada. O que estava oculto é trazido à luz, ao conhecimento geral. Os relatos apontam para a depravação humana, o mal no mundo, mas de alguma forma, sua presença nas páginas do Livro Sagrado nos mostra algo a mais, se está na Bíblia é importante para Deus que saibamos e não podemos ignorar.²²

1.2. Cosmvisão Bíblica

Apesar do tema ser repugnante e causar inconformismo em todas as esferas da sociedade, quando olhamos o abuso sexual através dos pressupostos da cosmvisão cristã passando por cada um dos seus pilares: criação, queda, redenção e consumação, conseguimos ir mais fundo. Não estamos mais apenas arranhando a superfície, mas começando a entender a magnitude do quão devastador esse crime/pecado é na vida daquele criado *imago Dei*. De acordo com Sire:

Cosmvisão é um compromisso, uma orientação fundamental do coração, que pode ser expresso como uma estória ou um conjunto de pressuposições (suposições que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou totalmente falsas) que sustentamos (consciente ou subconscientemente, consistente ou inconsistentemente) sobre a constituição básica da realidade, e que fornece o fundamento no qual vivemos, nos movemos e existimos.²³

A narrativa que forma a cosmvisão bíblica, de acordo com a doutrina reformada, contém os quatro pilares mencionados acima, por meio da qual "vivemos, nos movemos e existimos". Para entender como a Bíblia trata de um assunto tão complexo como o abuso sexual e como, conseqüentemente, devemos encará-lo enquanto cristãos, precisamos passar pela *História*.

²¹ CARMICHAEL, Amy. *Things as They Are: Mission Work in Southern India*. Londres: Morgan & Scott, 1905, p.228, minha tradução.

²² MITCHELL, Matthew C. *Why is This Sordid Story in the Bible?: Four Reasons to Read about the Rape of Tamar*. The Journal of Biblical Counseling. Glenside, PA: Christians Counseling & Educational Foundation. 2015, p.1.

²³ SIRE, James W. *Dando Nome ao Elefante: Cosmvisão como um conceito*. Brasília, DF: Editora Modernismo, 2019, p. 179.

É necessário começar vislumbrando a criação perfeita de Deus, pois "é mais fácil compreender o estrago de algo quando vemos um quadro de sua integridade original".²⁴ Ao criar o homem à sua imagem e semelhança (Gn 1.26), Deus imputa ao ser humano atributos que o constituem formando sua identidade, dentre eles Langberg ressalta três importantes características: a voz, o senso gregário e o poder, sendo eles aspectos formadores da individualidade.²⁵

Facilmente localizados no livro de Gênesis, podemos ver que Deus concedeu ao homem esses atributos comunicáveis de sua natureza,²⁶ (1) a voz de Deus que tem o poder de criar é, dada as devidas proporções, transferida ao homem para, por exemplo, dar nome aos bichos criados (Gn 2.19), (2) o senso relacional espelhado no relacionamento da trindade, e (3) o poder para governar sobre a terra (Gn 1.28). "Embora Deus tenha se retirado do trabalho da criação, colocou uma imagem de si mesmo na terra com o mandato para continuar".²⁷ Logo, conclui-se que este primeiro ato é imprescindível na prática do aconselhamento, pois relembra à sobrevivente quem ela foi criada para ser, *imago Dei*.

Com a queda (Gn 3, Rm 5.12), a imagem de Deus no homem passa a ser vista de forma imperfeita a embaçada (I Co 13.12). É importante ressaltar que, de acordo com a antropologia bíblica, por meio de Adão, todos pecaram, a humanidade como um todo é caída, tanto perpetradores, quanto os sobreviventes de abuso sexual. Não existe um justo sequer (Rm3.10). Todos os homens nascem caídos.

Dito isso, ambos são pecadores por sua condição original pós queda, mas é importante destacar que nenhuma vítima é culpada por ser abusada, nenhuma merecia passar pelo que passou. O abuso é a corrupção do coração do perpetrador sendo escancarada. Ainda que a queda tenha propiciado a entrada do mal no mundo, ela não funciona como desculpa para nossos pecados, nem para o abuso do perpetrador.

Agostinho, em Confissões, ao relatar sobre o pecado cometido por ele ao furtar peras na juventude, diz:

Permita agora que ele te diga o que viu lá, para eu agir perversamente sem nenhum propósito, sem nenhuma tentação para a prática do mal, exceto pelo próprio mal (...) Alma ignóbil, caindo do teu firmamento

²⁴ LANGBERG, 2002, p.35.

²⁵ LANGBERG, 2002, p.36-42.

²⁶ ERICKSON, Millard J. *Teologia Sistemática*, São Paulo: Vida Nova, 2015, p.258.

²⁷ WOLTERS, Albert M. *A Criação Restaurada: A Base Bíblica da Cosmovisão Reformada*. São Paulo: Cultura Cristã, 2019, p.49.

para completa destruição, não procurando alguma coisa que provocasse vergonha, mas a própria vergonha em si mesma!²⁸

O pecado é o mal na prática. Como diz Colson, ele é a expressão do mal em sua mais pura forma, de tal maneira que não nos permite ver nada além dos nossos próprios desejos e vontades, perseguindo os caprichos do nosso coração egoísta.²⁹

O pecado nos torna obstinados a olhar apenas para nossos desejos viscerais ignorando o outro e vendo-o como um objeto para sanar nossa ânsia pecaminosa. Dito isso, a doutrina da queda, de acordo com Keller, nos proporciona um entendimento mais profundo sobre o sofrimento.³⁰ Ele é a sua consequência.

Em seu livro, a jornalista Ana Paula Araújo discorre sobre as entrevistas realizadas com sobreviventes de violência sexual, abusadores encarcerados e médicos psiquiatras. À medida que apresenta detalhadamente os relatos, a autora deixa clara sua indignação a respeito do porquê os perpetradores cometem tal atrocidade.

Segundo ela, das dezenas de pessoas entrevistadas, apenas um dos abusadores apresentava traços de “psicopatia”, considerada uma patologia psicológica, todos os demais eram, ao parecer da jornalista, pessoas extremamente comuns que têm suas famílias e vidas ordinárias, porém, que, em algum momento, decidem pelo ato como uma vontade de exercer domínio e controle sobre a vítima de forma cruel e degradante.³¹ “De acordo com a psiquiatra Silvia Alexim Nunes, esse é basicamente um crime de dominação”.³²

O que chama a atenção ao final do livro é que a autora sai sem resposta para tamanho mal, porém, indignada como quem clama aos quatro ventos por uma resposta, indaga a questão a quem ela presume ser o especialista no caso, o psiquiatra Miguel Chalub, autoridade em neurologia e comportamento e mestre e doutor em saúde mental pela *Universidade Federal do Rio de Janeiro*:

Em nossa conversa, insisti com o Dr. Miguel, tentando entender a origem da maldade. Quais podem ser os motivos para que uma pessoa seja tão ruim? A resposta que ele me deu não sai da minha cabeça desde então: “Ah, esse é o mistério da alma humana. Os psiquiatras, psicólogos,

²⁸ AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Mundo Cristão, 2017, p.39

²⁹ COLSON, Charles; PEARCEY, Nancy. *Developing a Christian Worldview of The Problem of Evil*. Wheaton, Illinois: Tyndall House Publishers, Inc., 2001, p. 59.

³⁰ KELLER, 2016, p.132.

³¹ Vale ressaltar que como o abuso sexual é um crime subnotificado e de acordo com as pesquisas já apresentadas nesse trabalho, mais de 70% das vítimas são abusadas em casa, é possível presumir que os presos encarcerados, entrevistados no livro em questão, em sua grande maioria, são pessoas que fogem das estatísticas, sendo normalmente transeuntes, ou pessoas sem conexão com a vítima, que agiram em um momento de oportunidade. Poucos entrevistados eram parentes de suas vítimas.

³² ARAÚJO, Ana Paula. *Abuso: a cultura do estupro no Brasil*. 1.ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2020, p.288.

antropólogos, sociólogos e filósofos estão há séculos em busca das respostas para essa pergunta. De onde vem a maldade humana? Por quê? Há momentos que a gente não consegue explicar isso”.³³

Ao final da leitura do livro de Ana Paula Araújo, certamente todo cristão deve desejar gritar em uníssono a resposta para a pergunta que ressoa do coração da autora em cada página do livro: é a queda!

Ao que parece, o grande mito moderno é o pressuposto fundamental que resulta na angústia da autora, a base do seu pensamento utópico de que a raça humana é intrinsecamente boa.³⁴ Como muito bem colocado por Colson e Pearcey, “a face do mal é assustadoramente ordinária”.³⁵

Dito isso, não poderia ficar mais clara a necessidade de abordar o tópico da violência sexual pelos pressupostos da cosmovisão cristã, mesmo sendo um crime repugnante aos olhos de toda a sociedade, como apontado no início dessa sessão, olhar pelo prisma bíblico atribui maior entendimento de suas implicações.

No caso específico do abuso sexual temos tanto um crime, como um pecado atroz cometido pelo perpetrador contra a *imago Dei*, que imputa à vítima uma identidade deturpada, ela passa a enxergar a “si própria a imagem destrutiva do violador”.³⁶ E como diz Wolters, “onde quer que exista algo errado no mundo, qualquer coisa que experimentamos como antinormativo, mau, distorcido ou doentio, aí encontramos a perversão da boa criação de Deus”.³⁷

O ato pecaminoso e criminal, de forma abrupta, faz com que a vítima perca aspectos formadores da sua identidade. A voz dá lugar ao silêncio; o relacionamento, ao isolamento e o poder, ao desamparo.³⁸ Afinal, “de que adianta falar quando ninguém escuta”.³⁹

O abuso sexual afeta a totalidade de uma pessoa ao minar sua identidade, destrói sua alma. A Lei mosaica assemelha os efeitos da violência sexual a um homicídio:

E se algum homem no campo achar uma moça desposada, e o homem a forçar, e se deitar com ela, então morrerá só o homem que se deitou com ela; Porém à moça não farás nada. A moça não tem culpa de morte; porque, como o homem que se levanta contra o seu próximo, e lhe tira a vida, assim é este caso. (Dt 22.25-26)

³³ ARAÚJO, 2020, p. 291.

³⁴ COLSON, PEARCEY, 2001, p. 27.

³⁵ Ibidem, p.58, minha tradução.

³⁶ LANGBERG, 2002, p.49.

³⁷ WOLTERS, 2019, p.60.

³⁸ LANGBERG, 2002, p.51.

³⁹ Ibidem, p.72.

Podemos fazer uma alusão ao “Espírito da Lei” neste caso, que aponta a violência sexual como um homicídio da alma, pois “Ihe tira a vida”, como é retratado no texto bíblico acima. Não obstante, quando lemos ou ouvimos relatos dos sobreviventes no processo de aconselhamento, podemos perceber que é precisamente isso que acontece, de uma hora para outra e imediatamente, o sobrevivente, na maioria das vezes, passa a não se perceber mais, se desconecta de si, como um “morto-vivo”, um corpo dissociado de alma.⁴⁰

Dentre as entrevistas realizadas para o presente trabalho, muitos relatos assemelham-se a essa verdade bíblica: “Eu me sentia uma assombração”, apontou Tatiane, sobrevivente de abuso sexual na adolescência, perpetrado pelo vizinho, em sua casa de férias. Não obstante dessa colocação cerca de metade dos entrevistados relatam sentimentos semelhantes: “parecia que eu não tinha mais vida”, “eu estava vazia por dentro”, “me sentia literalmente um zumbi”. Em alguns casos isso pode ocorrer como um mecanismo de defesa. Alguns sobreviventes entram em processos como: negação, repressão ou dissociação,⁴¹ esses são resultados do homicídio cometido contra a alma (Dt 22.25-26).

A dissociação é um dos processos mais severos que normalmente ocorre com vítimas de abuso infantil. Para sobreviver, a criança em questão se retira mentalmente do abuso que sofre, acreditando ser outra pessoa que está passando por isso, não ela. A dissociação interfere diretamente no seu senso de identidade, identificação de emoções, na sua memória, entre outras esferas. “Os sentimentos e pensamentos de uma criança em relação ao abuso são tão avassaladores que a criança sacrificará um senso de coerência em vista da sobrevivência”.⁴²

Nesse momento é necessária uma pausa no enredo da narrativa bíblica para abordarmos mais a fundo os efeitos da queda, diretamente relacionados ao mal do abuso sexual perpetrado nos sobreviventes. Sendo assim, trataremos dos outros dois atos da cosmovisão cristã, a saber: redenção e consumação, mais a frente.

⁴⁰ É importante ressaltar que cada caso é um caso. Todo tipo de abuso sexual vivido é um trauma e como trauma ele deixa marcas em suas vítimas. Contudo, alguns fatores devem ser levados em consideração quando falamos de suas consequências psíquicas, emocionais e espirituais, como: as fases de vida em que ocorrem os abusos, se foi crônico, quem foram os perpetradores, se existiu uma rede de apoio e como ela agiu a respeito, dentre outros. LANGBERG, 2002, p.63

⁴¹ LANGBERG, 2002, p.69.

⁴² Loc. cit.

2. A Grande Pergunta

A confusão causada na vítima é geral, em seu corpo, suas emoções, pensamentos e relacionamentos. A forma como ela se relaciona consigo mesma, com o outro, com o mundo e com Deus é totalmente torcida pelo acontecimento. Como aborda Keller, “o sofrimento quase sempre gera inevitavelmente 'grandes questionamentos' que não podem ser desconsiderados sobre Deus e sua natureza”.⁴³

As vertentes a serem trabalhadas em aconselhamento com um sobrevivente são múltiplas, porém, afim de um estudo mais acurado, abordaremos nesse trabalho apenas algumas das demandas mais apresentadas e as possíveis respostas bíblico teológicas correspondentes, que estão ligadas diretamente aos atributos de Deus, de maneira explícita ou implícita, a depender do caso, pois:

Em geral, a forma religiosa do problema do mal ocorre quando algum aspecto particular da experiência da pessoa teve o efeito de colocar em cheque a grandeza ou a bondade de Deus e, conseqüentemente, ameaça o relacionamento entre o crente e Deus.⁴⁴

Ou seja, os atributos de Deus ficam totalmente deturpados na visão do sobrevivente e algumas vezes, geram angústias nos próprios conselheiros, especialmente se o caso de abuso ainda está acontecendo.⁴⁵

Algumas indagações, comumente feitas por pessoas que passaram por essa situação, tocam diretamente a realidade do caráter de Deus, por exemplo: “Onde Deus estava quando isso aconteceu comigo?”, “Se Ele viu, porque não parou?”, “Como Ele pode ser bom e permitir que isso aconteça?”, “Se Deus é soberano e bom por que Ele permitiu que isso acontecesse?”. As dúvidas a respeito de Deus angustiam os sobreviventes e conselheiros de tal forma, que alguns formam sua própria "teoria teológica" para conseguir conviver com o que aconteceu.

⁴³KELLER, Timothy. *Caminhando com Deus em meio à dor e o sofrimento*. São Paulo: Vida Nova, 2016, p.17.

⁴⁴ ERICKSON, Millard J. *Teologia Sistemática*, São Paulo: Vida Nova, 2015, p.410.

⁴⁵ A maioria dos aconselhados (dentro dessa temática), normalmente foi vítima do abuso na infância ou adolescência e busca ajuda do conselheiro na vida adulta por outros motivos, como discutiremos mais a frente. No processo do aconselhamento o aconselhado acaba citando o abuso, pode demorar mais ou menos, a depender do caso. Entretanto, alguns aconselhados ainda são vítimas de abuso sexual no momento presente, e nem sempre a realidade (cultura local, poder público, estrutura judicial e outros) facilitam o processo de denúncia e mudança de cenário, que pode ser demasiadamente complexo. Nessas circunstâncias, o conselheiro sofre de grande angústia pelo sentimento de impotência e muitas vezes também passa por questionamentos de fé.

Alguns acreditam que Deus é bom para os outros, não para eles, outros ainda preferem acreditar que Ele é bom, mas não está no controle de tudo, e alguns que Ele é um Deus mau ou que nem existe.

As grandes questões do ser humano – que se iniciaram em Adão com a queda e acontecem até hoje – esbarram em alguma falsa visão a respeito de algum atributo de Deus.

De acordo com Andrea Vargas:

O ser humano se deixou seduzir pelo discurso diabólico de que Deus não era tão bom assim como se acreditava ser e, pela primeira vez, duvidou dos atributos de Deus abrindo precedente para a mudança de direção da sua adoração.⁴⁶

Isso fica muito nítido no caso de sobreviventes do abuso sexual, onde a dificuldade central dos envolvidos normalmente está em lidar com os atributos de Deus, especificamente com a soberania e a bondade ao mesmo tempo.

Ainda em um mundo caído Deus continua sendo Deus, soberano sobre todas as coisas e Deus continua sendo bom. Como isso é possível? Esse estudo visa apresentar algumas respostas bíblico teológicas para auxiliar tanto o conselheiro em seus aconselhamentos, quanto o sobrevivente em suas questões pessoais.

⁴⁶ VARGAS, Andrea. *O Coração Explícito do Sexo*. Vitória, ES: Estante da Andrea, 2024, p.112.

3. Algumas consequências do abuso na realidade do sobrevivente

Para elaboração desse trabalho acadêmico foram realizadas 12 entrevistas com sobreviventes de violência sexual. Esse tópico propõe analisar as entrevistas através das coletas de dados. Dentre os entrevistados apresentam-se 10 mulheres e dois homens, a desproporção entre o número de entrevistados do sexo feminino em detrimento ao sexo masculino se dá pelo fato de, proporcionalmente, menos homens denunciarem a violência sofrida.

Os índices mais recentes divulgados pelo *Anuário Brasileiro de Segurança Pública* apontam que no ano de 2022, 88,7% das vítimas eram do sexo feminino e 11,3% do sexo masculino, mantendo a proporção das pesquisas realizadas ao longo dos anos.⁴⁷ Além do crime de violência sexual ser subnotificado por fatores como medo do agressor e do julgamento social, além dos sentimentos de vergonha e culpa, esse estigma é ainda mais forte entre os sobreviventes do sexo masculino. Segundo estudo divulgado pela *Revista Saúde Pública*, isso ocorre “em virtude da maneira como os homens são educados na sociedade patriarcal, pode ser mais difícil para eles falar sobre experiências de vitimização”.⁴⁸

De acordo com as falas dos sobreviventes entrevistados e da revisão bibliográfica realizada sobre o tema, alguns pontos em comum se destacam no que tange às demandas vivenciadas pelos sobreviventes como consequência da violência sexual perpetrada, a saber: a vergonha e a culpa sinalizadas em um primeiro momento, de maneira mais intensa, e sentimentos que normalmente são cristalizados com o tempo como (1) medo, (2) sentimento de injustiça e (3) necessidade de autonomia. Essas principais demandas denominadas de sentimentos cristalizados foram mapeadas no estudo e apontam diretamente para as três necessidades dos sobreviventes, abordadas por Langberg, citadas anteriormente: (1) relacionamento, (2) voz e (3) poder.

Abordaremos o que denominamos de sentimentos cristalizados de maneira mais específica nos tópicos a seguir, mas é importante mencionar, previamente, os sentimentos de vergonha e culpa. Nos relatos dos sobreviventes a vergonha e a culpa são suscitadas de forma

⁴⁷ Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. – 1 (2006) – São Paulo: FBSP, 2023, p.158. Disponível em <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>>. Acesso dia 30 de maio de 2024.

⁴⁸ FERREIRA, DG, et al. *Violência sexual contra homens no Brasil: subnotificação, prevalência e fatores associados*. Rev Saúde Pública. 2023, p.2. Disponível em <<https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2023057004523>>. Acesso dia 30 de maio de 2024.

interligada e são os primeiros sentimentos identificados e verbalizados após o fato. Alguns carregam esses sentimentos até hoje, outros declaram que esses dois pontos não são um problema, atualmente, apesar de terem perdurado algum tempo após o crime. A sensação de imundície em seus próprios corpos, pelo pecado perpetrado por outrem, está em todos os relatos. Mesmo aqueles que foram violentados na mais tenra idade, declaram que apesar de não entender o que aconteceu, sentiam-se mal, incomodados e sujos, mesmo sem conseguir identificar o ato como um abuso sexual.

A culpa e a vergonha se dão tanto por acharem que, de alguma forma, podem ter provocado aquele episódio, por sentirem que fizeram algo errado ou até mesmo, segundo relatos de alguns sobreviventes, pela angústia de sentir prazer e dor ao mesmo tempo, salientando que o prazer aumentava a culpa e a vergonha. O prazer é natural e advém do estímulo sexual, ainda que realizado de forma forçada, errada e abusiva, ele pode gerar algum nível de prazer por estimular zonas erógenas. Esse fato causa mais confusão ao sobrevivente, aumentando a culpa e a vergonha além de outras consequências na área da sexualidade.

Alguns sentem tamanha culpa que não responsabilizam o perpetrador: “Só entendi que foi um abuso bem mais tarde, com oito anos não compreendia. Mas eu senti prazer, tanto que eu pedi para repetir duas vezes depois”. Disse Vicente, sobrevivente de abuso sexual cometido pelo primo de 16 anos de idade. Ele relata que a culpa que sente é dele, não do abusador, afinal, ele gostou e depois passou a praticar atos pecaminosos na área sexual, como masturbação, pornografia e relacionamentos homoafetivos. Disse: “eu não era vítima, me tornei o vilão”. A culpa que sentia era pelos seus próprios pecados.

A dificuldade de lidar com o pecado cometido contra ele e com seus próprios pecados é uma questão recorrente nos relatos dos entrevistados e nas sessões de aconselhamento com sobreviventes. Ambos parecem amalgamados. Nesse aspecto, Welch declara que é fácil o sobrevivente de abuso se responsabilizar pelo pecado do abusador, dessa forma, ele tem dificuldade de ser perdoado pelos seus pecados, porque “confunde a vergonha do seu pecado e a vergonha de ter sido vítima do pecado do outro”.⁴⁹ E segue dizendo:

Embora a vergonha de seu próprio pecado seja o problema espiritual mais profundo entre os dois, em muitas maneiras ele é mais fácil de se apagar. Esse tipo de vergonha pode ser coberta através de uma confissão do pecado, arrependimento, e fé na obra consumada de Jesus, como já temos visto. A vergonha de ser vítima pode ser mais resistente. A confissão do

⁴⁹ WELCH, Edward T. *Quando as pessoas são grandes e Deus é pequeno: vencendo a pressão do grupo, a codependência, e o temor do homem*. São Paulo, SP: Editora Batista Regular do Brasil, 2008, p.65.

pecado não consegue aliviá-lo porque a vítima não é a parte culpada. Mas isso não impede as pessoas de tentarem. "Se eu conseguisse ao menos confessar melhor o meu pecado, poderia me sentir limpo", dizem elas.⁵⁰

É importante auxiliar o sobrevivente a fazer diferenciação do pecado cometido contra a vítima e os seus próprios pecados. Quando isso não acontece o processo de lidar com a vergonha e a culpa se torna complexo e, nesses casos, podem se tornar sentimentos cristalizados, que perduram durante anos e passam a ter outras implicações, no relacionamento consigo mesmo, com os outros e com Deus. Quando o sobrevivente continua se culpabilizando pelo que ocorreu, não consegue lidar com suas demandas plenamente nem com os próprios pecados, e quando o contrário acontece e o sobrevivente passa a não ter discernimento dos seus pecados, ele pode cair no erro da vitimização para além do episódio do abuso, mas para outras questões que implicam nas próprias mazelas.

3.1. Medo

“Eu me performava de homem, vestia camiseta larga e shortão, impunha a minha voz e imitava trejeitos para mostrar que eu era um deles, para enfrentar de igual para igual. Era a forma de esconder o meu medo”, relatou Verônica, sobrevivente de abuso sexual infantil crônico perpetrado pela vizinha e na adolescência pelo pedreiro de sua casa. “Eu me tornei ‘paranóica’, tenho medo de pegar Uber ou ficar sozinha com homens, mesmo os que eu, no meu modo sã, considero bons homens. Eu sempre fico com medo de que possa acontecer novamente, em cada esquina”, contou Tatiane, sobrevivente de abuso sexual na adolescência, perpetrado pelo vizinho. “Eu tive várias perguntas, mas a angústia maior era: por que Ele permitiu que isso acontecesse? Como eu posso confiar Nele depois disso?”, disse Leila, sobrevivente de abuso sexual infantil crônico, perpetrado pelo pai.

Os relatos dos sobreviventes são diversos, mas a maioria dos entrevistados se encaixa nas estatísticas. Entre os 12 entrevistados, apenas duas pessoas nunca relataram o abuso para seus familiares, oito pessoas mantiveram o abuso em segredo e compartilharam apenas anos depois, e, apenas dois contaram para familiares e pessoas de confiança, próximo ao fato. Dentre os que relataram o que aconteceu para pessoas próximas, seja em um período próximo ao episódio de abuso ou depois de anos, nove pessoas declaram sentimento de arrependimento

⁵⁰ WELCH, 2008, p.66.

ao tê-lo feito. Segundo eles, a reação que obtiveram das pessoas em questão foi de descaso, desconfiança e descrédito.

“Eu cheguei a contar para minha irmã e meu cunhado, anos depois, com medo de acontecer com meu sobrinho o que aconteceu comigo. A minha irmã disse: 'Esse drama todo foi pra me contar isso? Que bobagem!' ”, disse Verônica. “Eu destruí minha família, preferiria nunca ter contato”, desabafou Amanda, vítima de abuso infantil crônico perpetrado pelo tio. “Contei para os meus pais o que aconteceu só depois de anos. Disse que meu primo abusou sexualmente de mim dos cinco aos 15 anos de idade, mas eles não acreditaram, falaram que eu estava inventando, que devia ser coisa da minha cabeça”, contou Bella, vítima de abuso infantil crônico. Os entrevistados relatam que não se sentiram acolhidos, apenas expostos e desacreditados, o que contribuiu para enfraquecimento de seus relacionamentos e isso influenciou nos seus futuros relacionamentos: novos amigos, irmãos em Cristo, namorados e até cônjuges.

De acordo com Langberg, o isolamento como consequência do abuso se dá devido à maioria dos sobreviventes ter sido perpetrada por pessoas de confiança, e se intensifica dependendo da forma como é acolhida por sua rede de apoio, após o fato. No caso da falta de proteção e acolhimento advinda das pessoas que, supostamente, deveriam ser confiáveis e seguras, o isolamento se intensifica. As relações passam a ficar estremecidas e fragilizadas, o sobrevivente passa a viver com um medo avassalador, afinal se sente totalmente só, sua proteção e integridade física passam a ser de sua inteira responsabilidade.

A falta de confiança está diretamente ligada ao medo. Se não é possível confiar em nada e em ninguém, a pessoa teme. O medo, de forma geral, é uma das consequências mais relatadas pelos sobreviventes de abuso, foi destacado o medo de situações, medo das pessoas, e até mesmo de Deus. Welch corrobora esse fato:

Sem dúvida, a violência sexual em mulheres deixa-as mais vulneráveis ao temor das pessoas. Sua experiência literalmente grita que as pessoas são mais poderosas do que Deus. Afinal, se Deus é amoroso, por que não pára o opressor? ⁵¹

Alguns sobreviventes pontuam o cerne da questão de maneira clara, entendem e declaram categoricamente que têm questionamentos sobre a bondade de Deus, afinal, como confiar em um Deus bom que permitiu tamanho mal?

⁵¹ WELCH, 2008, p.61-62.

“Eu tinha medo de Deus”, disse Leila. Ainda que em alguns casos de aconselhamento os sobreviventes não consigam captar todas ramificações do medo na prática do seu dia a dia, podemos ver pela demanda trazida, sessão após sessão, que definitivamente ele, usualmente, alcança a dimensão do relacionamento com Deus. O medo, de maneira geral, como consequência da violência sexual é totalmente justificável, entretanto, ao não ser trabalhado à luz das escrituras culmina-se na falta de confiança em Deus, e isso tem sérias implicações.

3.2. Sentimento de injustiça

“Por que isso aconteceu logo comigo?”, “Eu me pergunto por que os outros têm uma vida mais fácil”, “Eu queria justiça e fui totalmente silenciada!”, “Ele (o abusador) falou que ninguém ia me ouvir, ele estava certo”, “Eu fiquei anos com raiva da minha mãe. Como ela pode deixar aquilo acontecer, como ela não me protegeu? Por que ela não fez nada depois? Ela queria proteger o meu tio e não me deixava falar sobre o assunto”. Essas foram algumas falas mencionadas nas entrevistas realizadas.⁵²

O senso de justiça é diretamente ligado à voz do sujeito, segundo Langberg "definimos a voz como aquilo que articula a individualidade",⁵³ ela é o que confere ao indivíduo a conexão com o mundo, através da sua voz ela transpõe para fora aquilo que acontece dentro. Através da voz nos expressamos, reivindicamos e indagamos. Essa é uma das características que faz parte do que constitui o ser e é totalmente abafada no ato do abuso sexual.

Com o silêncio imposto fortalece-se o sentimento de injustiça, algo terrível ocorreu e não se pode falar nada sobre ele, não se pode clamar por justiça, questionar, argumentar e denunciar. Esse é o sentimento da maioria das vítimas, ainda que elas possam denunciar para os órgãos competentes ou relatar aos seus familiares, amigos, pastores etc. Nem sempre o sistema judiciário prossegue com os casos, e, nem sempre os familiares e amigos consideram o fato e proporcionam o apoio necessário.

Mas é importante ressaltar que o fato de denunciar aos órgãos competentes é de extrema importância, em alguma esfera, até mesmo para que os sobreviventes sintam sua voz sendo ouvida, ainda que o processo seja doloroso. Dessa forma, eles conseguem exercer, mesmo que parcialmente, o seu desejo por justiça. Entretanto, como foi mencionado

⁵² Dentre os entrevistados apenas os dois homens não consideraram injustiça o que lhes ocorrera.

⁵³ LANGBERG, 2002, p.71.

anteriormente, em 90% dos casos isso não ocorre. Dentre os casos entrevistados apenas dois foram denunciados.

O sentimento de injustiça é um dos denominadores comuns que pairam no coração dos violentados, ele se manifesta de diversas formas, tanto no discurso como no comportamento. Não é incomum que alguns sobreviventes mudem de comportamento após o abuso sofrido, muitos, especialmente crianças, passam a ter reações violentas, ficam irritados facilmente e passam a ser agressivos com os outros, como uma maneira de transpor sua indignação, frustração e raiva. Alguns manifestam a dor de outra maneira, ficam quietos, tristes, cabisbaixo e angustiados. A fome e sede por justiça, quando não satisfeitas, se extravasam em forma de outros sentimentos e comportamentos que podem trazer grandes implicações.

3.3. Necessidade de autonomia

“Queria perder minha virgindade com quem eu escolhi, para não ter que perder com quem quisesse tirar”, disse Tatiana. Após ter sido abusada sexualmente por seu vizinho, começou a buscar um parceiro com quem pudesse perder a virgindade. E continua: “Eu queria ter o controle do meu corpo”. É comum perceber uma busca exarcebada de controle e autonomia em pessoas que sofreram violência sexual.

Infelizmente, a sensação de impotência advinda de uma experiência de abuso é usual. Somos conferidos de poder por Deus, nosso Criador, no Éden o Senhor dá uma ordem clara a Adão e Eva: "Frutificai e multiplicai-vos; enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra" (Gn 1.28). A ordem de governo é imputada ao homem, Deus nos fez com capacidade e desejo para tal, quando a possibilidade de poder e autonomia lhe é tirada, seu senso de ser é desfigurado.

De acordo com Langberg, a sobrevivente:

Convive com o abuso imprevisível, aterrador e implacável, ela se experimenta como continuamente impotente. Frases como "isso não importa" e "esqueça" são comentários frequentes entre sobreviventes e são geralmente ditas com um dar de ombros. Elas aprendem que o que importa para elas não importa para outros (...) Definem-se - ou foram definidas por outros - como a fonte do mal que foi praticado.⁵⁴

Por mais ambíguo que possa parecer, o fato de se sentir impotente confere a ela uma necessidade de controle para se proteger, porém, este normalmente se manifesta de maneira prejudicial.

⁵⁴ LANGBERG, 2002, p. 74.

As sobreviventes acreditam que estão no controle quando escolhem suas roupas largas para não chamar atenção para seu corpo, mesmo gostando mais do vestido que não usam, ou quando escolhem parceiros sexuais para ter relação, mesmo quando ainda não se sentem prontas para tal. O importante é ter a sensação de controle, porém esse controle pode não ser autonomia de fato, afinal, o motivo por trás da escolha é o trauma vivido. A sobrevivente está, a todo custo, tentando não reviver o que lhe acontecerá acreditando que seu controle minucioso possa protegê-la.

Um dos quadros que ilustra a necessidade compulsiva por controle, declarada na entrevista, foi a experiência de Vicente. Ele relata duas consequências da violência vivida por ele: o vício em pornografia e o desejo homoafetivo. Ele buscava negar a realidade dos seus desejos, pois tinha muita dificuldade em entendê-los, entretanto, algumas vezes teve experiências homoafetivas pontuais e alega que pensava compulsivamente sobre formas de controlar seus desejos, e tentava controlar a narrativa das pessoas à sua volta, para que não pensassem que ele era homossexual ou para que não descobrissem seus relacionamentos sexuais.

Vicente relata: “Eu queria prever tudo que poderia enfrentar para estar preparado para o que pudesse acontecer. Percebi que meus pensamentos compulsivos eram para tentar me proteger dos outros e de mim”. No início da juventude procurou ajuda de um profissional: “quando percebi que o controle era ilusório, eu adoeci. Porque era desesperador! Aí, resolvi buscar ajudar psicológica”, foi quando Vicente foi diagnosticado com *Transtorno Obsessivo Compulsivo* (TOC).

Outros sobreviventes podem desenvolver uma inclinação genuinamente mais dependente, buscando se apoiar na decisão dos outros, desenvolvendo o que alguns nomeiam como relacionamentos co-dependentes. Essa idolatria, confere ao outro uma posição de dominância sobre o sobrevivente e é o que faz com que muitos deles retroalimentem o padrão de relacionamentos abusivos. Segundo Welch:

Todas as experiências de temor do homem têm pelo menos uma característica em comum: as pessoas são grandes. Elas cresceram em proporções enormes, como se fossem ídolos, em nossa vida. Elas nos controlam. Uma vez que não existe nenhum espaço em nosso coração para adorar a Deus e as pessoas, sempre que as pessoas são grandes, Deus não é.⁵⁵

⁵⁵ WELCH, 2008, p.97.

A pessoa que se sente impotente e sem voz pode entrar em um relacionamento buscando proteção e acabar encontrando mais abuso. Afinal, parceiros saudáveis não aceitam o papel de ídolos na vida dos outros e não aceitam o papel de dominar, controlar e tomar decisão pelos seus parceiros.

A necessidade de autonomia pode levar ao controle exacerbado do sobrevivente, ou à idolatria pelo outro. Ambos os cenários são totalmente fora da realidade da vontade de Deus e precisam ser alinhados à luz das escrituras como veremos no próximo tópico.

4. Respostas Bíblico Teológicas

No viés do Aconselhamento Bíblico, o medo, o sentimento de injustiça e a necessidade de autonomia como consequências do abuso sexual devem ser respondidos através de uma abordagem bíblico teológica de forma a conferir ao sobrevivente instrumentos e orientação. Para isso abordaremos neste tópico: (1) a doutrina da bondade, (2) a justiça retributiva e (3) a soberania de Deus como respostas para elucidar as questões (1) do medo, (2) do sentimento de injustiça e (3) da necessidade de autonomia respectivamente.

4.1. Para o medo, há Bondade

Como apontado anteriormente o medo é uma das grandes questões enfrentadas pelos sobreviventes, todavia é importante destacar que o medo não é um pecado. Segundo Welch,⁵⁶ o medo funciona mais como uma manifestação de “pequena fé” e não com o pecado *per se*.

As escrituras apresentam diversos trechos que corroboram essa ideia, como, por exemplo, o episódio em que os discípulos estavam no barco com Jesus e uma terrível tempestade os acomete. Os discípulos o acordam depressa clamando por ajuda, após acalmar a tempestade Jesus pergunta aos seus discípulos: “Por que vocês estão com tanto medo? Ainda não têm fé?” (Mc 4.40). A reação de Jesus aponta para o medo não como um pecado propriamente dito, e sim para uma constatação: é necessário aumentar a fé. “A tarefa dos de pequena fé é crescer, muito mais do que de se arrepender (...) o medo é sempre um momento para crescer na fé”.⁵⁷

É de conhecimento geral que a frase “não temas”, está em toda a Bíblia, contabilizada cerca de 365 vezes, porém, como preconiza Welch nem toda frase no imperativo deve ser lida como um mandamento ou como um comando no sentido estrito, e salienta que o termo utilizado funciona como “uma expressão de cuidado e compaixão”,⁵⁸ e ilustra: “se nossas crianças permanecem chorando, nós não a repreendemos. Nós a colocamos no colo”,⁵⁹ Deus trata o “não tenha medo” não como uma ordem ou mandamento, afinal essa é uma emoção básica do homem, mas com benevolência.

⁵⁶ WELCH, Edward T. *Fear is not Sin*. The Journal of Biblical Counseling. Christian Counseling & Educational Foundation, 2020.

⁵⁷ Ibidem, p.13,14, minha tradução.

⁵⁸ Ibidem, p.8, minha tradução.

⁵⁹ Loc. cit. minha tradução.

Contudo, é necessário entender que a resposta ao medo pode sim ser pecaminosa, e, nesse sentido, deve ser analisada. Afinal, o medo em sua forma natural tem caráter de alerta, nos deixando cientes de perigos reais e da necessidade de fuga para preservação. Porém, o que fazemos com essa emoção, a resposta que damos quando a detectamos pode ter caráter pecaminoso. Ela nos direciona para o Senhor ou não? Adams corrobora:

O temor, per se, não é errado. Foi o próprio Deus quem implantou no homem todas as suas emoções (...) O temor dos perigos (por exemplo, de cair em um precipício), que leva o indivíduo a tomar as precauções necessárias, é correto e santo, contanto que repouse e se desenvolva da fé e da confiança na providência divina.⁶⁰

Quando Adão e Eva pecaram, sentiram medo e se esconderam (Gn3.8-10), o medo afastou-os de Deus. Em alguns Salmos ⁶¹ podemos ver a declaração de medo das pessoas e a forma como clamam a Deus por ajuda, sendo esta uma resposta adequada.

Sendo o medo associado à fé, como relatado anteriormente, concluímos que a resposta a ele está intrinsecamente ligada à confiança em Deus e, conseqüentemente, no conhecimento de seus atributos, afinal, confiamos naquilo que conhecemos. As perguntas relatadas pelos sobreviventes em muito desafiam e questionam o caráter de Deus, imputando ao medo um caráter grande de incredulidade.

As dúvidas que pairam no coração repleto de medo carecem de uma resposta bíblico teológica que, em última instância, está totalmente ligada ao conhecimento de Deus. É importante salientar que "nossos medos despertam a compaixão de Deus, não sua repreensão", Ele deseja que o conheçamos mais, pois esse é o antídoto para incredulidade, o conhecimento de Deus.

Como uma pessoa que sofreu tamanha dor e foi totalmente desprotegida, deixada à deriva, pode confiar em Deus? Bella sofreu abuso infantil crônico, dos cinco aos 15 anos de idade, por um membro da família. Na faculdade foi vítima de abuso sexual e agressão física durante dois anos, perpetrado pelo namorado, onde um dos episódios quase lhe custou a vida. Ela foi internada algumas vezes em decorrência das conseqüências físicas e psicológicas do abuso.

Bella converteu pouco depois do término desse namoro e, no processo de conversão, teve muitas dúvidas sobre o caráter de Deus. A princípio não queria comentar sobre os abusos,

⁶⁰ ADAMS, Jay. *Manual do Conselheiro Cristão*. São José dos Campos, SP. Editora Fiel, p. 379

⁶¹ Alguns exemplos são os Salmos 13, 18 e 56.

mas foi inevitável, à medida que foi conhecendo mais a Deus as perguntas surgiam no seu coração. Dentre alguns questionamentos citados por ela temos: “Ou Deus não é bom, ou a bondade de Deus não se aplica a mim”, “por que Ele permitiu que isso acontecesse?”.

Quando mencionava suas questões para companheiros cristãos, ouvia respostas como "Deus não vai permitir que isso aconteça novamente", “Ele vai te livrar, porque Ele é bom!”. Bella disse que esses conselhos lhe embrulhavam o estômago, e deixavam-na com muita raiva, pois pensava: “O fato de Deus ser bom implica em Ele me livrar? Não faz sentido com tudo que eu vivi”.

Ao decorrer da conversa, Bella disse que não consegue entender o por quê do abuso, entretanto ela complementa: “mas eu sei que Deus é bom, e isso me é suficiente. Se não for suficiente, onde estaria a minha fé? Na minha necessidade de não sofrer mais?”. A força dessa indagação desnuda um coração legitimamente firmado em Cristo. Sua fé não está nas bênçãos que o Senhor pode lhe proporcionar, nem ao menos na ausência do sofrimento, mas em Deus somente.

As constatações da sobrevivente apresentadas na entrevista se assemelham a inúmeros relatos bíblicos. Como na história de José do Egito que foi vendido como escravo pelos seus irmãos e anos depois, após se tornar governador do Egito, tem a oportunidade de livrar sua família da fome e diz: "Agora, pois, não vos entristeçais, nem vos pese aos vossos olhos por me haverdes vendido para cá; porque para conservação da vida, Deus me enviou adiante de vós" (Gn 45.5). O reconhecimento de Bella, tal qual o de José é de que Deus em sua infinita bondade e poder transforma o mal em bem, ou como no relato de Isaias 7, onde Deus declara que o mal cometido não superará a Sua Bondade.

Bella prosseguiu dizendo: “Eu sei que posso ser abusada um dia qualquer, atravessando a rua, isso não significa que Deus não seja bom”. E ela mesma levantou questionamentos na nossa conversa: “Eu teria enxergado Deus mais ou menos bondoso se isso tudo não tivesse acontecido?”

Keller diz que por mais que não saibamos o por quê Deus permite o mal, sabemos qual não é o motivo. Não é porque Deus não nos ama, afinal Ele mesmo “se dispôs a mergulhar nas profundezas mais terríveis do sofrimento”, de forma que Ele não apenas

entende nossa dor, como as vivenciou e ainda tem um plano para findar com todo sofrimento.⁶² O Deus Soberano também é o Deus Sofredor.

Acima de tudo, "sua bondade é demonstrada para conosco em Cristo Jesus" (Ef2.7). "Se você quer saber quem Deus é, estude Jesus".⁶³ A bondade de Deus é encarnada em Jesus Cristo. Deus filho, que se despediu de sua glória, viveu sem nenhum pecado, porém sofreu morte de cruz por cada um dos nossos pecados. Ele é a expressão máxima da bondade. Sacrifício de amor.

O ápice da manifestação da bondade de Deus por nós, tem relação direta e causal com o maior mal que aconteceu na história da humanidade. O único justo, pagando o preço por uma humanidade corrupta. O maior mal da história é ao mesmo tempo o maior ato de bondade para conosco, nossa salvação em Cristo Jesus, de acordo com Langberg:

(...) presumimos que o *que* acontece conosco nos ensina a verdade sobre *quem* Deus é. Não ensina, não. Habitamos em mundo sujeito ao poder do maligno, e tudo o que ele faz está permeado de mentiras. São mentiras calculadas para nos fazer acreditar que Deus não é bom, mas mau. Se tolamente permitirmos que as circunstâncias nos digam quem é Deus, acreditaremos coisas abomináveis a respeito Dele. Muitos o fazem.⁶⁴

O que aconteceu com o sobrevivente foi abominável e terrível, entretanto o abuso não pode ser imbuído de mais poder a ponto de determinar sua cosmovisão, ou seja, sua maneira de ver, se mover e viver no mundo. Apenas através do verdadeiro conhecimento de quem Deus é, o sobrevivente será conduzido a lidar com a questão que reverberam no seu coração.

4.2. Para o Sentimento de Injustiça, há a Justiça Retributiva

A sensação de injustiça decorrente do mal perpetrado é outro ponto a ser considerado e respondido de maneira bíblica e teológica. Um dos atributos de Deus raramente mencionados em aconselhamento é a sua ira, porém essa é uma interessante chave bíblica para ministrar ao coração do sobrevivente, à sua indignação a respeito do mal sofrido e o sentimento de injustiça que ecoa em sua alma.

É importante que o sobrevivente entenda que Deus não se agrada do mal, ao contrário, Ele se ira com a maldade e com o pecado, pois eles ferem Sua santidade. O que aconteceu

⁶² KELLER, Timothy. *Caminhando com Deus em meio à dor e o sofrimento*. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 139.

⁶³ LANGBERG, Diane. *No Limiar da Esperança: Abrindo as Portas para Cura de Vítimas de Abuso Sexual*. Curitiba, PR: Editora Evangélica Esperança, 2002, p.209.

⁶⁴ Loc. cit. (grifo da autora).

com o sobrevivente ira o coração de Deus e essa ira tem consequências. Uma das claras evidências que temos a respeito da ira de Deus é a cruz. A cruz existe para satisfazer as exigências de um Deus irado que teve sua santidade ferida, logo, se ignoramos, do caráter de Deus, a sua ira, perdemos de vista o propósito da cruz.

Deus é Justo Juiz (Salmos 7.11), sua justiça está estampada ao longo de toda a Bíblia e esse atributo está intrinsecamente ligado à sua santidade. De Gênesis a Apocalipse, o Deus Santo e irado que imputa a justiça se apresenta. Esse atributo não aparece apenas no Antigo Testamento como alguns levam a crer, ao contrário: “quando passamos da história para o ensinamento bíblico - a lei, os profetas, os escritos de sabedoria, as palavras de Cristo e seus apóstolos - notamos que a ideia da ação de Deus em julgamento está por trás de tudo”.⁶⁵

Todavia, infelizmente, esse atributo ainda é desconsiderado em detrimento dos demais. De acordo com Pink, ao estudar a Bíblia nos deparamos com um número muito maior de menções a respeito da ira de Deus do que do seu amor,⁶⁶ mas muitos têm dificuldade de entender a coexistência do Deus amoroso, irado e justo.

Segundo Heber de Campos:

A ira de Deus é o seu eterno aborrecimento contra toda injustiça; é o desagrado e a indignação da retidão divina ante o mal; é a santidade de Deus posta em ação contra o pecado; é a causa motriz da sentença justa que Deus pronuncia contra os que obram o mal; é a manifestação do seu desagrado, porque o pecado é uma rebelião contra a sua autoridade, um ultraje cometido contra a sua soberania inviolável; não é uma vingança maligna, pecaminosa como a nossa, mas é a vindicação do seu domínio como Governador do universo.⁶⁷

Um erro comum é correlacionar as características comumente encontradas na manifestação da ira humana, como a crueldade, com a ira divina. A ira de Deus é totalmente expressa em sua justiça.

Deus é santo e o pecado, seja ele qual for - inclusive o pecado perpetrado no ato do abuso sexual contra a *imago Dei* - fere a santidade de Deus, sendo assim, “a sua justiça tem que ser manifesta necessariamente, porque a sua santidade é manchada pelos homens e exige que a ira de Deus venha sobre os transgressores da sua lei”.⁶⁸ Assim, Deus aplica ao ímpio sua justiça retributiva.

⁶⁵ PACKER, J.I. *O Conhecimento de Deus*. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2014, p.130.

⁶⁶ PINK, A.W. *Os Atributos de Deus*. São Paulo: Editora Shedd, 2016, p.75.

⁶⁷ DE CAMPOS, Heber Carlos. *O Ser de Deus: e seus atributos*. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 1999, p.333.

⁶⁸ DE CAMPOS, 1999, p.334

A justiça retributiva é a aplicação da justiça de Deus, onde o transgressor é imputado por seus pecados. Por causa de quem Deus é o sobrevivente pode descansar na certeza de que o mal que lhe foi cometido será cobrado, afinal:

Se Deus deixar de mostrar a sua ira, ele será injusto consigo mesmo (porque negará a sua própria santidade) e com os homens (porque não dará a eles o que merecem). Se Deus deixar de mostrar a sua ira, ele mostrará falta de caráter moral, porque a indiferença com o pecado é uma falta moral.⁶⁹

Assim como salienta Packer, a “indiferença moral”⁷⁰ não seria a manifestação da perfeição de Deus. Sendo assim, a sua justiça punitiva ou retributiva aplica ao pecador as penalidades devidas.

Além disso, os atos retributivos de Deus revelam a sua providência, pois, através deles, segundo Heber de Campos, Deus reivindica sua santidade e justiça, freia a manifestação do pecado e procura reformar os homens.⁷¹ O autor segue apontando inúmeras histórias, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento em que Deus usa da sua justiça retributiva para alguns desses fins, tanto com ímpios, quanto com seus filhos. Por exemplo, o caso de Davi e o adultério cometido com Bate-Seba, onde a justiça retributiva de Deus é expressa através do profeta Natã “eis que da tua própria casa suscitarei o mal sobre ti” (2Sm.12.11) e o caso Ananias e Safira que são mortos após pecarem contra Deus.

Além disso, Deus declara “a mim me pertence a vingança: eu é que retribuirei, diz o Senhor” (Rm12.19), Deus salienta que a vítima não deve se preocupar em pagar o mal com o mal, todavia assegura que Ele mesmo aplicará sua justiça que é a manifestação tanto da sua ira, quanto da sua bondade. Como diz Lambert: “num mundo onde crimes não são reportados nem punidos, nós precisamos conhecer esse cuidado de Deus que inclui uma promessa de punir malfetores em sua ira”.⁷² A ira de Deus deve ser vista também como uma manifestação do cuidado do Senhor.

A imputação dessa justiça divina pode acontecer deste lado da eternidade ou no por vir:

A expressão "a ira" (5.9; 2.5) pode se referir especificamente à futura manifestação culminante desse ódio como em "dia da ira", mas também

⁶⁹ Ibidem, p.333.

⁷⁰ PACKER, 2014, p.134.

⁷¹ DE CAMPOS, Heber Carlos. *A Providência e a sua realização histórica*. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2001, p.333.

⁷² LAMBERT, Heath. *Teologia do Aconselhamento Bíblico*. Eusébio, CE: Editora Peregrino, 2017, p.145.

pode se referir a eventos e processos providenciais no momento presente em que se pode discernir a retribuição divina para o pecado.⁷³

Seja como Deus escolher agir para satisfazer sua ira, o sobrevivente pode confiar no caráter de Deus. Ainda que o sistema judiciário não seja plenamente eficaz em sanar suas demandas, o Grande Juíz tem seus próprios meios. Seja no tempo atual ou no por vir há a certeza da justiça de Deus que será plenamente satisfeita, com isso, todo mal perpetrado será vindicado. Há esperança. Ainda que as respostas e a justiça não sejam plenamente manifestas hoje, pode-se apoiar na esperança escatológica.

Uma ressalva se faz pertinente, a justiça retributiva em nada anula a cruz de Cristo. A ideia por trás dessa doutrina é que Deus manifesta a sua justiça quando lhe apraz, agora ou no porvir, de acordo com sua infinita sabedoria. Packer diz: "quando o Novo Testamento fala acerca do juízo final, ele sempre o representa em termos de retribuição. Deus julgará todos os homens de acordo com suas obras (Mt 16.27; Ap 20.12)".⁷⁴ No Grande e Terrível dia do Senhor, aqueles que têm seu nome no livro da vida serão salvos e quem não tem será condenado.

Heber corrobora:

a plenitude da ira divina contra o pecado humano será manifestada na sua maior força quando da vinda do Filho do Homem. Então, Deus será o vingador dos crimes dos homens. Além disso, o castigo futuro e eterno dos ímpios está declarado nas Escrituras em termos terrivelmente explícitos. O próprio gentil Cordeiro de Deus manifestará a sua ira no final dos tempos (Ap 6.16-17).⁷⁵

Deus manifesta sua justiça em toda a Bíblia. Esse atributo de Deus não deve ser negligenciado ao trabalhar com os sobreviventes as demandas do seu coração. Saber que Deus se ira, juntamente com eles, a respeito do mal perpetrado e que sua Santidade foi ferida, acalenta a alma que foi machucada pelo pecado de outrem.

4.3. Para a Necessidade de Autonomia, há a Soberania

Como apresentado acima, Vicente foi diagnosticado com *TOC* devido a sua necessidade obsessiva por controle. A ideia que o ser humano detém o controle das situações, é uma ilusão, a tentativa de fazê-lo, adoce. Ao sentir a vergonha avassaladora, seja pelos

⁷³ PACKER, 2014, p.143.

⁷⁴ Ibidem, p.133.

⁷⁵ DE CAMPOS, 1999, p.333.

próprios pecados ou devido ao pecado cometido contra si, o sujeito na intenção de se preservar, declara autonomia, passando a concentrar seus esforços para tentar reger todas as coisas. Powlison diz:

se eu pudesse pegar emprestada uma frase pungente de Sigmund Freud e virar seu significado de cabeça para baixo: o orgulho é a “neurose obsessiva universal” da humanidade. E Jesus Cristo realiza a única psicoterapia que cura nossas almas.⁷⁶

Para a psicanálise o TOC é definido como uma neurose obsessiva, entretanto, à luz das escrituras, o que Vicente vive é o orgulho manifesto em sua busca por controle até as últimas consequências.

A dificuldade de abrir mão do seu suposto controle e confiar plenamente em Deus, se apoia na angústia do sobrevivente em conceber que o Deus soberano permitiu o mal perpetrado contra ele. Existe uma raiva de Deus, às vezes velada, às vezes explícita. Logo, é papel do sobrevivente se proteger e resguardar. Como se ele proclamasse nas entrelinhas: “eu faço melhor que Deus”.

De acordo com Powlison, a raiva não é apenas uma emoção, mas uma postura contra Deus, afinal, “na maioria das vezes, as pessoas que estão profundamente zangadas com Deus simplesmente vão, à sua maneira, construindo um reino com eles próprios no centro”.⁷⁷ A necessidade de controle é uma declaração escancarada da raiva e da desconfiança de Deus, e assim, mais uma vez, a resposta bíblico teológica para o sobrevivente está intrinsecamente ligada aos atributos de Deus.

Existe outra resposta para a pergunta que angustia o coração dos sobreviventes e ela em nada tem a ver com a busca por autonomia. O sentimento de estar decepcionado com Deus por causa do sofrimento perpetrado normalmente rege as respostas das perguntas que nascem no coração dos indivíduos. Entretanto, segundo Powlison:

Certamente experimentamos decepções na vida. Mas seria difícil encontrar qualquer evidência de que Deus de alguma forma nos trai. Ele diz o que faz e faz o que diz. Até que o céu desça, este mundo será um lugar difícil de se viver. A fé cristã é explícita ao dizer que acreditar não confere imunidade ao sofrimento (...) Enquanto isso, as pessoas podem nos decepcionar seriamente. Os abusadores traem hediondamente a confiança e, se o inferno tem gradações, as atrocidades que cometem merecem o abismo mais profundo. Isso é para citar o pior cenário.⁷⁸

⁷⁶ POWLISON, David. *Anger at God*. The Journal of Biblical Counseling. Glendise, PA: Christian Counseling & Educational Foundation, 2016, p.44, minha tradução.

⁷⁷ Ibidem, p.43-44, minha tradução.

⁷⁸ POWLISON, 2016, p.50-51, minha tradução.

A busca por controle não responde as necessidades do sobrevivente. A dor é real, porém Deus não nos prometeu uma vida sem sofrimentos, mas garantiu que estaria conosco até o grande dia chegar, quando tudo se fará novo, onde não haverá mais choro nem dor.

O indivíduo que reivindica autonomia, peca e aumenta sua angústia, pois no seu ímpeto de querer controlar todas as coisas, sendo dono de si e do seu destino, ignora o fato de que Deus é Senhor e soberano sobre todas as coisas e que ele é apenas uma criatura. Como podemos mensurar a grandeza de um Deus infinito sendo nós finitos?⁷⁹

Essa verdade da soberania de Deus sobre todas as coisas que acontecem, associada ao mal que existe no mundo pode nos deixar assombrados. Porém, não podemos perder de vista o que a Bíblia declara: “Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! Por que quem compreendeu o intento do Senhor?” (Rm11.33-34). Ainda assim, é importante ressaltar que Deus não tem prazer no mal ou nem mesmo deve ser responsabilizado por ele.

De acordo com Piper, "providência (e não apenas soberania) é a expressão de ‘sua mão paternal’".⁸⁰ Essa diferenciação de palavras aponta para o fato de Deus não apenas dirigir e governar o mundo, mas de fazê-lo com ordem e bondade, não simplesmente deixando sua criação a mercê do acaso.⁸¹

Segundo Sproul, infelizmente, atualmente, caímos em um entendimento mecanicista onde:

A mão da providência foi cortada para fora por completo, e, com essa amputação, fomos largados às cegas, perambulando sozinhos em um universo hostil ou, ainda pior, indiferente.⁸²

Entender a soberania de Deus, ou melhor, a providência é a resposta certa para as perguntas dos sobreviventes, diferentemente da busca por autonomia. Essa convicção da providência divina nos livra dessa ideia de universo mecanicista onde não há esperança, onde estamos jogados no mundo, sem amparo, como o existencialismo proclama.⁸³ Assimilar o conceito de providência, tem o efeito contrário à ojeriza e raiva de Deus que muitos sentem por não

⁷⁹ LAMBERT, 2017, p.273

⁸⁰ PIPER, John. *Providência*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2022, p.40

⁸¹ Ibidem, p.40.

⁸² SPROUL, R.C. *A mão invisível*. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, p.22

⁸³ SATRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. Paris: Les Éditions Nagel, 1970. .

conseguir associar a soberania de Deus à realidade. Ao invés de jogados ao leu, somos assistidos pelo Senhor.

Esta doutrina nos proporciona a certeza de que não estamos a alvedrio do caos instaurado no mundo pelo pecado, mas que Deus é soberano sobre tudo, ou seja, o mundo caído e o sofrimento não é o final da história. “(...) a promessa absoluta é que não conseguiremos completamente estragar nossa vida. Mesmo nossos fracassos e problemas serão usados para a glória de Deus e para nosso benefício. Desconheço segurança mais reconfortante que essa”.⁸⁴

Deus é soberano e é bom, Ele tem caráter, e por isso o seu poder não é arbitrário. Deus não pode mentir, ser infiel, ser tentado ou mudar, pois isso vai contra sua natureza.⁸⁵ Por isso podemos ter confiança e descansar em sua providência, a soberania de Deus abarca também o seu amor e bondade. Para nos livrarmos da necessidade de autonomia, precisamos entender a beleza assombrosa da providência, e para isso é necessário ir além daquilo que podemos ver, é necessário conhecer a Deus.

⁸⁴ KELLER, Timothy. *Caminhando com Deus em meio à dor e o sofrimento*. São Paulo: Vida Nova, 2016, p.162.

⁸⁵ DE CARVALHO, Guilherme. *A providência de Deus*. AULA 28. Módulo Esperança. Escola de Teologia e Vida Cristã L’abri Brasil. Agosto de 2023.

5. Teologia Aplicada

5.1. Conselheiro

Indubitavelmente o processo do aconselhamento de um sobrevivente de abuso sexual tem várias nuances e a abordagem tomada pelo conselheiro vai depender da queixa que o aconselhado traz na sessão. A maioria vem com o objetivo de sanar um problema que pode ser consequência do abuso vivenciado anteriormente, mas que para o sujeito, a causa do aconselhamento não é a experiência traumática vivida em si. Muitos, inclusive, não citam o abuso até um tempo depois de iniciada as sessões. Não é incomum sobreviventes de abuso trazerem demandas como: problemas no relacionamento, questões homoafetivas, vícios diversos como em pornografia ou masturbação, insônia, depressão, quadros de ansiedade intensos, e até mesmo casos onde o sobrevivente confessa ter replicado o abuso que viveu com outras pessoas, se tornando o perpetrador.

Vale ressaltar que nenhum desses casos é uma regra. Nem todo sobrevivente se torna um abusador, assim como nem todo sobrevivente lida com vício em pornografia, por exemplo. A questão é, não é incomum que sobreviventes que lidam com esse tipo de experiência traumática tenham que resolver uma ampla gama de demandas, dentre elas: questões na sexualidade, nos relacionamentos interpessoais e na sua identidade que culminam na suas crenças fundamentais – cosmovisão.

Alguns sobreviventes são mais explícitos e conseguem ver mais claramente o impacto do abuso em suas vidas, e ainda outros que estão passando por algum cenário de violência doméstica, que podem "esconder" episódios de abuso sexual – inclusive dentro do casamento – “escondem” por diversos motivos, entre eles, muitas vezes porque a própria vítima tem dúvidas quanto ao abuso vivido.

Ainda outros tipos de casos ocorrem, especialmente em cenários transculturais onde atuam muitos missionários. Não comumente eles se deparam com realidades culturais e religiosas desafiadoras, como no caso de uma missionária da Igreja Presbiteriana do Brasil que atua em campo transcultural. Ao descobrir que as mulheres que participam do seu projeto evangelístico são abusadas e exploradas sexualmente, questiona angustiada:

Qual mensagem eu devo trazer ali no momento do aconselhamento? Porque a primeira coisa que você faz é olhar a situação daquela pessoa e por algum momento você duvida que o evangelho vai trazer algum refrigério para aquela pessoa, porque é uma dor e uma coisa tão profunda o abuso, que você também questiona a Deus. O fato daquilo abalar sua fé

dificulta você compartilhar a mensagem com aquela pessoa. A gente entra na situação e se sente tão incapaz, que não consegue compartilhar o evangelho. A gente só via a situação da pessoa e não via a pessoa. A situação é tão deplorável que eu não consigo falar. Tentar enxergar a pessoa, a história, para além dos traumas que ela está passando... a gente sente tanta pena que a gente começa a duvidar do evangelho em uma prática. (Informação verbal)

Existem culturas onde o abuso sexual de crianças e mulheres é basicamente normalizado, ainda que seja um crime velado, enquanto outros são escancarados. Não precisamos ir tão longe quando mencionamos a esfera transcultural, essa realidade está presente no Brasil, tanto em determinados locais do sertão brasileiro, como em algumas comunidades quilombolas e ribeirinhas, dentre outros. O Brasil é o quarto país com maior número de casamento infantil do mundo.⁸⁶

Não seria incomum para acadêmicos da área supor que o áudio transcrito acima viesse de um remetente em falta com seus estudos teológicos, afinal, como abordado anteriormente, normalmente as pessoas que estudam o tema do sofrimento academicamente são acostumados a se debruçar em relatos de dores inimagináveis, normalmente a certa distância, podendo cair no erro de simplificar um assunto tão complexo.

“A vastidão da crueldade insensibiliza as nossas mentes, mas vez ou outra nos deparamos com uma história que personifica o horror e nos faz estremecer outra vez”.⁸⁷ Provavelmente, foi isso que aconteceu com a missionária em questão. Ela é teóloga, conhecedora da teoria, a Bíblia é sua regra de fé e vida, mas como agir diante de uma realidade tão cruel apresentada?

Por mais distante que realidades complexas como essas possam estar do gabinete pastoral de uma metrópole, em um bairro de classe média, elas não são menos reais e devem ser contempladas. Casos desafiadores como esse acarretam angústia e sentimento de impotência nos missionários, pastores e conselheiros dessas regiões e devem ser abordados.

Sendo assim, a causa da angústia do conselheiro pode estar em esferas diferentes da do aconselhado, ainda que toquem no mesmo problema: como lidar com a soberania e bondade de Deus diante desse cenário – que muitas vezes são persistentes e sem solução judicial ou cultural, como nos casos mencionados acima – e ainda, a luta do que fazer a

⁸⁶ UNICEF, 2019. Disponível em: <<https://www.childhood.org.br/nossa-causa/#numeros-da-causa>> Acesso em: 8 de abr. 2024.

⁸⁷ STROBEL, Lee. *Em defesa da fé*. São Paulo: Editora Vida, 2002, p.34

respeito em casos como esse, quando ele se depara com pessoas que ainda estão sendo vítimas de tais atrocidades e as denúncias e intervenções são limitadas.

A ira do conselheiro sobre a situação é legítima e respaldada por Deus, afinal “o que está acontecendo com a vítima vai contra os desígnios de Deus – e isso provoca a ira divina”.⁸⁸ Deus repele e condena totalmente qualquer tipo de violência sexual. Ao falar sobre a resposta que devemos dar ao sofrimento, Piper & Taylor citam Van Til:

É nosso dever, não apenas procurar destruir o mal em nós mesmos e em nossos companheiros cristãos; mas além disso, destruir o mal em nossos semelhantes. Humanamente falando, em algumas circunstâncias pode ser irrealizável que consigamos levá-los a Cristo. Isso não nos absolve, entretanto, de procurarmos coibir até certo ponto, os seus pecados nesta vida. Devemos ser ativos primeiro no campo da graça especial, mas também temos uma tarefa a cumprir no que diz respeito à destruição do mal no campo da graça comum.

Além disso, devemos observar que a nossa tarefa com respeito à destruição do mal não esta completa se buscarmos lutar contra o pecado em si mesmo sempre que o vimos. Temos obrigação adicional de destruir as consequências do pecado neste mundo até onde pudermos. Devemos fazer o bem a todos os homens, especialmente aos da família da fé. Ajudar a aliviar algo dos sofrimentos das criaturas de Deus é nosso privilégio e nossa tarefa.⁸⁹

Denunciar, acionar demais serviços como parceiros na busca por justiça e cuidado é algo imprescindível, assim como continuar acompanhando o caso e os demais órgãos e profissionais envolvidos, além de tudo mais que está ao alcance do conselheiro, e deve ser feito. Porém, ainda assim, existem realidades onde isso pode não ser o suficiente para tirar a vítima da situação em que está.

O tema “justiça social” é demasiadamente amplo, complexo e não comporta no escopo deste trabalho. Entretanto, vale ressaltar que o âmbito abordado aqui é vocacional. Quando algo fugir do escopo do conselheiro e for espaço de ação de advogados, juízes, policiais, assistentes sociais etc., há de saber e confiar que o Soberano ainda está no controle. O papel do conselheiro não é o do advogado, ou do policial, ou do assistente social, ele não pode solucionar questões em esferas que não lhe cabe, mas ainda assim há riqueza na sua atuação.

Magnólia,⁹⁰ conselheira cristã, psicóloga, sobrevivente de abuso crônico infantil relata:

às vezes o líder de uma comunidade religiosa ou um conselheiro cristão, fornece uma sensação de bem para a vítima em questão maior do que a polícia ou o advogado. Tudo que aquela criança precisa é de um local para

⁸⁸ STRICKLAND, Darby A. *Desmascarando o Abuso: um guia bíblico para ajudar as vítimas*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2022, p.220.

⁸⁹ PIPER, John; TAYLOR, Justin. *Sofrimento e a Soberania de Deus*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2018, p.139.

⁹⁰ Nome fictício. ,

voltar a ser criança, onde pode brincar, receber carinho, amor e atenção que lhe foram retidos. Naqueles momentos de encontro com a comunidade e com o conselheiro ela consegue desfrutar disso, ainda que volte depois para o mesmo cenário. Ela tem momentos e lampejos de esperança de uma infância e vida normal.⁹¹

Isso vale para outros cenários onde um conselheiro, exercendo seu papel ministerial, alcança, pela graça de Deus e através da Palavra, áreas na vida do aconselhado que outros profissionais envolvidos não o fazem. O conselheiro não precisa e não dará conta de todas as esferas do problema, mas ele pode caminhar com o sobrevivente ou pessoas que ainda estão em situação de abuso, fornecendo esperança encontrada em Cristo, enquanto as demais esferas estão em ação (quando existe o privilégio disso acontecer – não sejamos ingênuos).

N.T. Wright salienta a importância de entendermos que a conquista de Cristo na cruz, não nos autoriza a ficar alheios às injustiças do mundo. Discorre sobre a importância dos remidos em Cristo, como agentes de Deus, se capacitarem a “refletir a sua imagem de criação, trazendo ao mundo sua ordem sábia e curadora e colocando-o no caminho certo sob o governo justo e bondoso de Deus”.⁹² Importa que o tema da vulnerabilidade social, do abuso sexual, e das injustiças sociais sejam pautas levantadas no meio cristão com a ênfase correta.

De acordo com Heber Campos Júnior, é justo lamentar e ansiar por correção diante de cenários de violência e injustiças. Entretanto, o autor diferencia o clamor por justiça divina de um coração que anseia por justiça social como se essa fosse o grande canal de redenção para o mundo, como pondera ser o caso da teologia da libertação.⁹³

Certamente, ao mesmo tempo em que é legítimo e cristão da nossa parte nos engajarmos nas demandas sociais, não podemos cair no erro de achar que vamos responder a todas as questões desse lado da eternidade, ou achar que a justiça social é redentora, afinal, a mesma não sana os problemas da humanidade. O problema é essencialmente espiritual e não apenas social.

A esperança cristã de fato é escatológica, porém a constatação desse fato não imputa à igreja o direito de dormir em berço esplendido em meio aos sofrimentos do mundo. A contribuição judaico-cristã na concepção dos direitos humanos ao longo da história⁹⁴ é de

⁹¹ Referência verbal em sessão de aconselhamento.

⁹² WRIGHT, N.T. *O mal e a justiça de Deus*. Viçosa - MG: Ultimato, 2009, p. 124.

⁹³ CAMPOS JÚNIOR, Heber Carlos. *Triunfo da Fé: lidando com o problema do mal*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2012. p. 47.

⁹⁴ DEVINE, Carol; HANSEN, Carol; WILDE, Ralph. *Direitos Humanos: Referências Essenciais*. São Paulo: ENDUSP, 2007, p. 23-28.

conhecimento geral e escancara a força da cosmovisão cristã que impacta o mundo, as leis e as causas sociais. Afinal, o conceito de *imago Dei* foi crucial para a fundamentação dos direitos humanos. Para além disso, tanto o eclesiocentrismo, bem como a vocação dos cristãos atuantes nas diferentes esferas da sociedade ao longo da história aponta para essa verdade, sem atribuir a tais iniciativas um caráter redentor.

N.T. Wright preconiza o conceito da escatologia iniciada, ou seja, quando Jesus ressuscitou a nova Jerusalém foi iniciada, e com isso, é possível apresentar lampejos de uma esperança futura, entretanto, ela nunca é de fato concretizada desse lado da eternidade, até que Jesus Cristo volte. Essa é a esperança que sana definitivamente as angústias, dentre elas, as sociais. Ainda que existam respostas que podem ser implementadas no agora, de acordo com nossas vocações, sejamos conscientes que elas possuem caráter temporal. Elas sempre chamarão atenção para a necessidade da verdadeira e definitiva, a resposta que ainda não chegou, a nova Jerusalém.

Os conselheiros precisam entender o papel da sua vocação, bem como a ligação entre as dimensões do *já e o ainda não*, no que tange o seu desejo legítimo por justiça. De acordo com Campos Júnior:

o juízo parecia lento, mas certamente viria. Era importante que alguém que estava cansado de tanto ver a justiça torcida, fosse encorajado com a promessa de que o estado presente das coisas não seria definitivo. Mais ainda, é importante que nós tenhamos a perspectiva de que “em breve” Deus concertará a situação caótica e injusta em que vivemos.⁹⁵

Diante desse cenário, ainda é preciso tratar a questão do coração do aconselhado que sofre, o que abordaremos no capítulo a seguir.

5.2. Aconselhado

No âmbito da narrativa cristã adentramos à criação que foi realizada por Deus de forma plenamente boa e perfeita. Passamos pela queda e suas inúmeras consequências, ressaltando que o mal imputado ao sobrevivente da violência sexual é tanto crime quanto pecado e salientando que Deus não se agrada de nenhuma forma de mal, afinal, conforme elucidado pro Piper:

O mal e o sofrimento neste mundo são maiores do que qualquer um de nós pode compreender. Mas o mal e o sofrimento não são definitivos.

⁹⁵ CAMPOS JUNIOR, 2002, p.95.

Deus o é. Satanás, o grande amante do mal e do sofrimento, não é soberano. Deus o é.⁹⁶

Adentramos agora na realidade da redenção em Cristo que aponta para a terrível devastação do pecado de tal forma que apenas o Salvador poderia trazer esperança necessária para todos, em todas as esferas.

Entendendo que, conforme afirma Langberg:

O abuso sexual é maligno, e o mal destrói os seres humanos. Em nossos esforços infinitos de tornar as coisas manejáveis, tendemos a minimizar ou a dar menor importância a eventos horríveis. Ao mesmo tempo, precisamos ser lembrados com frequência que o mal e o estrago não constituem o fim da história. Há esperança.⁹⁷

É importante que o aconselhado saiba que há esperança, ainda que ela se apresente de maneira inusitada, como aconteceu com Jó, como veremos a seguir.

Dr. Kreeft ao ser entrevistado por Stobel sobre o problema do mal, relata sua interessante visão a respeito dos sofrimentos de Jó. O filósofo diz que Deus poderia ter respondido aos inúmeros questionamentos de Jó de forma detalhada e direta, basicamente escrevendo um livro minucioso sobre a questão do mal em resposta, mas não o fez. De acordo com Kreeft, provavelmente Deus sabia que as perguntas se acumulariam em questões intermináveis e respostas tais nunca satisfariam plenamente o inquisidor, afinal, sua sede é outra.⁹⁸

Sendo assim, a única maneira de saciar o sofredor não era apresentá-lo a um tratado filosófico. Diferentemente do esperado e requerido por Jó, Deus falou sobre Ele mesmo, e isso satisfaz a Jó. Jó ainda estava no mesmo cenário de sofrimento excruciante, a situação ainda não havia sido transformada por Deus, entretanto isso o satisfaz. Deus o satisfaz - antes mesmo das bênçãos que lhe ofereceu posteriormente. Deus levou Jó a encontrá-lo, face a face, “que é a suprema felicidade para toda humanidade”.⁹⁹

Deus faz isso novamente e de uma vez por todas em Jesus Cristo. O verbo encarnado, Ele mesmo é a resposta para dor de quem sofre. Uma dor visceral, encontra um Deus visceral. Uma pergunta pessoal encontra como resposta um Deus pessoal.

⁹⁶ PIPER, TAYLOR, 2018, p.26.

⁹⁷ LANGBERG, Diane Mandt. *No Limiar da Esperança: Abrindo as Portas para a Cura de Vítimas de Abuso Sexual*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002, p.74.

⁹⁸ STROBEL, 2002, p.66.

⁹⁹ STROBEL, 2002, p.66.

O conselheiro não terá todas as respostas para seus aconselhados. Deus as tem e nem por isso as fornece, como fica claro no exemplo acima. Existe pelo menos um motivo explícito para isso: respostas às perguntas não é o que vai trazer vida para as questões do “morto-vivo”, (Dt.22-25-26). O morto precisa de vida. "Disse-lhe Jesus: "Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá; e quem vive e crê em mim, não morrerá eternamente” (Jo 11.25-26). Dessa forma, entende-se que:

A resposta ao sofrimento (...) simplesmente não é uma resposta (...) é Aquele que a responde. É o próprio Jesus. Não é um punhado de palavras; é a Palavra. Não é um argumento filosófico bem costurado; é uma pessoa. A pessoa.¹⁰⁰

O Deus Sofredor é revelado através de Cristo. Essa realidade toca em todas as áreas do sofrimento perpetuado no coração de um sobrevivente.

Cristo, tal qual uma ovelha indo para o matadouro não abriu a boca (Is 53.7c), essa passagem implica na condição da maioria das vítimas que se sente sem voz durante e após o abuso. O abandono que Cristo sofreu na cruz toca diretamente a profunda dor que abarca os sobreviventes, que também se sentiram abandonados. Jesus fala diretamente às feridas dos sobreviventes:

Os outros deuses eram fortes, mas fraco vimos Tu ficar,
Eles cavalgaram, e Tu cambaleaste em dor,
Mas, às nossas feridas, somente as de Deus podem falar
E nenhum outro deus tem feridas, apenas Tu, ó Senhor.¹⁰¹

Fraco vimos Jesus ficar, entretanto forte Ele era, pois Ele se manteve pregado na cruz, por amor.

Ao final da conversa com a sobrevivente Bella, ela concluiu: “Deus é bom. E eu passei por coisas terríveis”. Em seu processo de conversão e conseqüentemente de santificação Bella conheceu a Cristo e Ele lhe foi suficiente. Os atributos de Deus que antes eram questionados, hoje estão dispostos no local certo do seu coração e em seus relatos e com sua vida ela glorifica a Deus reconhecendo tanto sua soberania quanto sua bondade.

Como preconiza Campos Júnior:

Deus não vê o sofrimento como deleite. Pelo contrário, ele leva tão a sério nossa dor e sofrimento que resolveu assumi-los. A maior prova disso foi a encarnação, sofrimento e morte de Jesus. Enquanto as outras religiões têm mestres que dizem como suportar o sofrimento, nós cremos num Deus que sofre em nosso lugar. Essa é uma das peculiaridades mais lindas da fé cristã.

¹⁰⁰ Ibidem, p.67.

¹⁰¹ SHILLITO, Edward. *Jesus das Cicatrizes*, s.l., s.n., 1919.

A expiação de Cristo é expressão tanto da justiça de Deus em relação ao mal quanto da sua misericórdia para com o mal.¹⁰²

O sofrimento pode ter consequências diferentes no coração de pessoas diferentes. Para Keller, ao mesmo tempo que alguém se endurece e nega a Deus, outro se rende a Ele.¹⁰³ Existe um motivo para tal, podemos concluir que esse feito ocorre pela disposição do coração, os pressupostos fundamentais, o que, como vimos anteriormente, Sire chama de cosmovisão. Esse é o cerne da questão, o local que almejamos adentrar dentro do aconselhamento bíblico, como analisaremos no próximo tópico.

5.3. O Aconselhamento

O aconselhamento bíblico é crucial no auxílio ao sobrevivente em suas demandas subjetivas e objetivas a respeito do que lhe aconteceu, porque “quando seu mundo é abalado, você não quer filosofia ou teologia, prefere a realidade de Cristo”.¹⁰⁴ Esta é a grande diferença de um bom aconselhamento bíblico e uma reunião em gabinete pastoral, ou de uma sessão em consultório terapêutico secular - este último, alheio à realidade de Cristo, antropologia bíblica e, conseqüentemente, a toda cosmovisão cristã.

O conselheiro requer certas habilidades que, infelizmente, nem todo líder religioso se ocupa em se esmerar e debruçar sobre: a de aplicar as verdades teológicas com destreza, sensibilidade e firmeza ao coração que busca auxílio prático, e, não a de apresentar uma aula expositiva e sistemática ou uma mera palavra motivacional. Ainda que o aconselhamento bíblico implique em uma teologia aplicada a determinada demanda - e por isso é necessário estudá-la para exercer tal função -, isso será realizado de forma pastoral.

Tendo em vista essa realidade pastoral que vai além da acadêmica, é necessário apontar alguns passos imprescindíveis para as sessões de aconselhamento bíblico:

1º. É crucial que o conselheiro tenha, acima de tudo, compaixão pelo sofrimento vivido pelo sobrevivente. A visão cristã, ao lidar com a dor, nunca é de reprimir emoções ou forçar a pessoa a sair prontamente daquele estágio de sofrimento exigindo reações positivas. São várias as histórias bíblicas e inúmeros salmos que relatam o lamento e a dor:

¹⁰² CAMPOS JÚNIOR, 2002, p.153.

¹⁰³ KELLER, 2016, p. 124.

¹⁰⁴ STROBEL, 2002, p.70

Até quando te esquecerás de mim, SENHOR? Para sempre? Até quando esconderás de mim o teu rosto? Até quando consultarei com a minha alma, tendo tristeza no meu coração cada dia? Até quando se exaltará sobre mim o meu inimigo? (Salmo 13.1-2)

Haugk traz uma realidade interessante sobre as angústias do aconselhado:

Quão doloroso deve ser ouvir alguém diminuir a dor dessa pessoa ou sugerir que ela está em boas mãos por ser Deus o causador do seu sofrimento. “Para mim, essa é uma declaração insensível e sem compaixão - como se a pessoa estivesse dizendo que não tenho o direito de me sentir triste ou desesperado”, uma pessoa observou.¹⁰⁵

O sobrevivente deve encontrar na sessão de aconselhamento um lugar seguro para expressar seus sentimentos e emoções.

2°. Escutar atentamente. É preciso lembrar que a maioria nunca foi acolhida ao denunciar o abuso sofrido e isso agravou os danos. Não obstante, é esse o motivo pelo qual sofrer com quem sofre tem tanto valor no processo de aconselhamento, afinal “até mesmo dores e sofrimentos terríveis podem se tornar suportáveis quando as pessoas sabem que alguém está verdadeira e plenamente com elas”.¹⁰⁶ Os inúmeros relatos de sobreviventes de abuso apontam a diferença avassaladora entre a recuperação de pessoas que tiveram apoio de alguém de confiança na jornada, e os que não o tiveram. O aconselhamento proporciona ao aconselhado essa realidade cristã.

3°. Oferecer um ambiente de extrema confiança que seja também acolhedor. O conselheiro será testado nessa área pelo aconselhado, antes de todas as outras, e, muitas vezes de forma sutil. Ser uma pessoa discreta, que não comenta de outros aconselhamentos e casos em ambientes sociais ou em outras sessões é imperioso. Além disso, estar plenamente focado na sessão, não se distrair com outros afazeres e demandas, demonstrando que a dor do outro importa, é vital.

4°. Ser paciente. É importante não forçar o aconselhado a chegar em pontos delicados rapidamente. Muitos aconselhamentos demandam um número maior de sessões devido a complexidade do caso, o de sobreviventes de abuso muitas vezes é um deles. Permitir que o sobrevivente fale, o auxilia a utilizar sua voz que outrora foi extinguida. Ir no ritmo do aconselhado, fornece a ele o "senso de poder", que lhe foi negado como consequência do abuso, imputando-lhe a escolha de falar ou não, de endereçar tais coisas ou não. Além disso,

¹⁰⁵ HAUGK, Kenneth C. *Não entoe canções a um coração aflito: como se relacionar com pessoas que estão sofrendo*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2023, p.117.

¹⁰⁶ HAUGK, 2023, p.32.

no processo de aconselhamento, o próprio conselheiro passa a representar a imagem de um relacionamento saudável, de alguém que se importa e o trata como *imagoDei* e não como um objeto para seu prazer, como o perpetrador o fez.

Existem algumas abordagens práticas que podem ser interessantes no ato do aconselhamento, levando em consideração que o abuso tem consequências em diversas áreas da vida. São elas:

- **Linha do Tempo:** uma tarefa bastante proveitosa é pedir para que o aconselhado faça uma linha do tempo da sua história, com as marcações de eventos importantes e pertinentes. Essa ferramenta auxilia bastante o processo, pois a maioria dos sobreviventes pode ter grandes elucidações quando consegue traçar a própria história em um ambiente seguro. Essa estratégia ajuda a levar o aconselhado a entender que existem capítulos e fases na vida, que podem ser encerrados e lançam uma perspectiva nova e esperançosa sobre o presente e o futuro.
- **Crenças Centrais:** a maioria dos aconselhados, ainda que cristãos, pode não entender a importância da cosmovisão cristã ao trabalhar suas demandas. Uma alternativa interessante é caminhar com o aconselhado dentro dessa narrativa de forma clara e específica, conectando a doutrina da criação, queda, redenção e glorificação na sua própria história. Dessa forma temos uma boa ferramenta para mapear as falsas crenças que o aconselhado pode carregar de forma subjetiva.
- **Tarefas para casa:** uma atividade que se mostra muito proveitosa é o uso de pequenas tarefas para casa. Isso auxilia o sobrevivente a se manter imerso no processo até a próxima sessão. Por exemplo, se estão trabalhando sobre o tema do medo, a tarefa pode ser mapear alguma história bíblica que aborde o tema e trazer no próximo encontro, circulando palavras-chave.

A identidade da *imagoDei* deve ser amplamente restaurada pela graça de Cristo, e o aconselhamento bíblico auxilia nessa jornada, ainda que a transformação ocorra única e exclusivamente pelo Espírito Santo. Como salienta Lane:

Se quem eu sou em Cristo não moldar a maneira que eu penso a respeito de mim mesmo e as situações que enfrento, então eu viverei com base em outra identidade. Em nossa cegueira, muitas vezes adotamos nossos problemas como identidades.¹⁰⁷

¹⁰⁷ LANE, Timothy; TRIPP, Paul. *Como as pessoas mudam: imagens e histórias da vida cristã em funcionamento*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011, p.17.

Paradoxalmente, uma caminhada dolorosa é necessária para que haja cura.

Como visto anteriormente o trauma do abuso sexual faz com que o sobrevivente perca, dentre várias coisas, sua voz, a confiança em seus relacionamentos e o poder de escolha. Os três juntos, de acordo com Langberg atingem diretamente a individualidade, ou seja, a identidade do sobrevivente.¹⁰⁸ Curiosamente, as sessões de aconselhamento implicam nessas três questões, como relatado acima.

Dentre as falsas crenças que os sobreviventes podem carregar estão: falsa crença sobre sua identidade - seu corpo, suas emoções e seus desejos; falsas crenças sobre Deus e seu relacionamento com Ele; falsa crença sobre relacionamentos interpessoais; falsa crença sobre o mundo.¹⁰⁹

Apesar de existir de fato inúmeras consequências do abuso na realidade do sobrevivente que devem ser trabalhadas por etapas, no cerne de todas elas, ao cavarmos juntos, em processo de aconselhamento, chegamos na realidade de Deus, em seu caráter. Para que a identidade seja restaurada é necessário que o conhecimento de Deus seja alinhado com a realidade bíblica. Não existe autoconhecimento sem conhecimento do Alto.

Auxiliar o sobrevivente a cavar, até chegar no cerne, é uma das ações realizadas nas sessões de aconselhamento, de acordo com Vargas:

O conselheiro bíblico preza por isso: firmar a verdade bíblica por meio do Espírito Santo no coração de quem se chega a Cristo pelo ensino que nos encoraja ao arrependimento, à confissão e ao abandono das falsas crenças por amor a Cristo. (...) Seu trabalho (do conselheiro bíblico) consiste em ajudá-lo a identificar crenças entranhadas no seu coração contaminadas por mentiras a respeito de Deus.¹¹⁰

Na base da questão estamos diante dos dilemas que implicam os atributos de Deus - isso acontece desde o Éden até hoje.

¹⁰⁸ LANGBERG, Diane Mandt. *Abuso Sexual: aconselhando vítimas*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002. p.51.

¹⁰⁹ BERNHARDT, Cecelia. *Finding Hope: Helping a Sexual Abuse Survivor Reframe Her Story*. The Journal of Biblical Counseling. Glenside, PA: Christian Counseling & Educational Foundation, 2023, p.10-14.

¹¹⁰ VARGAS, Andrea. *O Coração Explícito do Sexo*. Vitória: Estante da Andrea, 2024, p.166.

Conclusão

O abuso sexual, enquanto transgressão tanto criminal quanto pecado contra a *imago Dei*, exige uma abordagem de aconselhamento bíblico que reconheça a profundidade da dor e do sofrimento experimentados pelos sobreviventes. Este tema, pela sua natureza delicada, dolorosa e deplorável, requer uma consideração acadêmica meticulosa e compassiva, evitando qualquer forma de tratamento displicente. A perniciosidade moral infligida sobre a vítima é atroz, impactando não apenas seu corpo, mas também sua mente, emoções e identidade, e, conseqüentemente, abala suas convicções fundamentais.

Através da revisão bibliográfica realizada, dos dados e estatísticas pesquisados e entrevistas apresentadas, o presente trabalho mapeou algumas grandes crises e angústias dos sobreviventes da violência sexual e apresentou possíveis respostas bíblico teológica para cada uma delas.

Entendo que a narrativa bíblica oferece ao sobrevivente a certeza que ele faz parte da boa criação de Deus e foi formado à sua imagem e semelhança, dotado de propósito específico, não relegado ao acaso, mas estando sob a soberania e bondade divinas. A redenção em Cristo revela o Deus Sofredor e oferece a solução definitiva para o mal do mundo. A glorificação representa a esperança e a certeza de que a justiça será plenamente estabelecida.

O Deus visceral é a resposta para a dor visceral do aconselhado e do conselheiro. A realidade do Deus Sofredor encarnado em Cristo é o alento e cura para quem sofre e a prática da teologia aplicada apresentada, fornece algumas ferramentas para auxiliar nas sessões de aconselhamento de sobreviventes de abuso sexual.

Referências Bibliográficas

- ADAMS, Jay. *Manual do Conselheiro Cristão*. São José dos Campos, SP. Editora Fiel, 2006.
- AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.
- ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Publicado em 2022. Disponível em: < <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/07/14-anuario-2022-violencia-sexual-infantil-os-dados-estao-aqui-para-quem-quiser-ver.pdf>> Acesso em: 19 de mar. de 2024.
- ARAÚJO, Ana Paula. *Abuso: a cultura do estupro no Brasil*. 1.ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2020.
- BERNHARDT, Cecelia. *Finding Hope: Helping a Sexual Abuse Survivor Reframe Her Story*. The Journal of Biblical Counseling. Glenside, PA: Christian Counseling & Educational Foundation, 2023.
- BRASIL. Lei n.º 12.845, artigo II, de 1 de agosto de 2013.
- CAMPOS JÚNIOR, Heber Carlos. *Triunfo da Fé: lidando com o problema do mal*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2012.
- CARMICHAEL, Amy. *Things as They Are: Mission Work in Southern India*. Londres: Morgan & Scott, 1905.
- CHILDHOOD BRASIL. Disponível em: <https://www.childhood.org.br/nossa-causa/#cenario_infancia> Acesso em: 29 de mar. 2024.
- COLSON, Charles; PEARCEY, Nancy. *Developing a Christian Worldview of The Problem of Evil*. Wheaton, Illinois: Tyndall House Publishers, Inc., 2001.
- DE CAMPOS, Heber Carlos. *A Providência e a sua realização histórica*. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2001.
- DE CAMPOS, Heber Carlos. *O Ser de Deus: e seus atributos*. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 1999.
- DE CARVALHO, Guilherme. *A providência de Deus*. AULA 28. Módulo Esperança. Escola de Teologia e Vida Cristã L'abri Brasil, 2023.
- DEVINE, Carol; HANSEN, Carol; WILDE, Ralph. *Direitos Humanos: Referências Essenciais*. São Paulo: ENDUSP, 2007.

ENFRENTAMENTO AO TRÁFICO DE PESSOAS NO BRASIL. AULA módulo II. Polícia Federal, 2020.

ERICKSON, Millard J. *Teologia Sistemática*, São Paulo: Vida Nova, 2015.

FERREIRA, DG, et al. *Violência sexual contra homens no Brasil: subnotificação, prevalência e fatores associados*. Rev Saúde Pública. 2023.

HAUGK, Kenneth C. *Não entoe canções a um coração aflito: como se relacionar com pessoas que estão sofrendo*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2023.

LAMBERT, Heath. *Teologia do Aconselhamento Bíblico*. Eusébio, CE: Editora Peregrino, 2017.

LANE, Timothy; TRIPP, Paul. *Como as pessoas mudam: imagens e histórias da vida cristã em funcionamento*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011

LANGBERG, Diane Mandt. *Abuso Sexual: aconselhando vítimas*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.

LANGBERG, Diane Mandt. *No Limiar da Esperança: Abrindo as Portas para a Cura de Vítimas de Abuso Sexual*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2003.

MINISTÉRIO DE DIREITOS HUMANOS DO BRASIL. Publicado em 17 de maio de 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/disque-100-registra-mais-de-17-5-mil-violacoes-sexuais-contra-criancas-e-adolescentes-nos-quatro-primeiros-meses-de-2023>> Acesso em: 19 de março de 2024.

MINISTÉRIO CRISTÃO ALFA E ÔMEGA. *Invisibilidade - Andrea Vargas*. YouTube. Publicado dia 23 de março de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RAIjsf5y2Vc>>. Acesso dia 23 de março de 2021.

MIRANDA, J. S. *Importância Do Aconselhamento Bíblico Para a Igreja Local*. Fides Reformata, [s. l.], v. 28, n. 2, 2023.

MITCHELL, Matthew C. *Why is This Sordid Story in the Bible?: Four Reasons to Read about the Rape of Tamar*. The Journal of Biblical Counseling. Glenside, PA: Christians Counseling & Educational Foundation. 2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>>. Acesso em: 21 de mar. 2024.

PACKER, J.I. *O Conhecimento de Deus*. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2014

PINK, A.W. *Os Atributos de Deus*. São Paulo: Editora Shedd, 2016.

- PIPER, John. *Providência*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2022.
- PIPER, John; TAYLOR, Justin. *Sofrimento e a Soberania de Deus*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2018.
- POWLISON, David. *Anger at God*. The Journal of Biblical Counseling. Glendise, PA: Christian Counseling & Educational Foundation, 2016.
- SATRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. Paris: Les Éditions Nagel, 1970.
- SIRE, James W. *Dando Nome ao Elefante: Cosmovisão como um conceito*. Brasília, DF: Editora Modernismo, 2019.
- SHILLITO, Edward. *Jesus das Cicatrizes*, s.l., s.n., 1919.
- STRICKLAND, Darby A. *Desmascarando o Abuso: um guia bíblico para ajudar as vítimas*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2022.
- SPROUL, R.C. *A mão invisível*. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.
- STROBEL, Lee. *Em defesa da fé*. São Paulo: Editora Vida, 2002.
- TRIPP, Paul. *Abrindo olhos vedados: outra visão da coleta de dados, coletânea de aconselhamento bíblico, volume 2*. Seminário Bíblico Palavra da Vida, 2004.
- UNICEF, 2019. Disponível em: <<https://www.childhood.org.br/nossa-causa/#numeros-da-causa>> Acesso em: 8 de abr. 2024.
- VARGAS, Andrea. *O Coração Explícito do Sexo*. Vitória: Estante da Andrea, 2024.
- WELCH, Edward T. *Fear is not Sin*. The Journal of Biblical Counseling. Christian Counseling & Educational Foundation, 2020.
- WELCH, Edward T. *Quando as pessoas são grandes e Deus é pequeno: vencendo a pressão do grupo, a codependência, e o temor do homem*. São Paulo, SP: Editora Batista Regular do Brasil, 2008,
- WOLTERS, Albert M. *A Criação Restaurada: A Base Bíblica da Cosmovisão Reformada*. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.
- WRIGHT, N.T. *O mal e a justiça de Deus*. Viçosa - MG: Ultimato, 2009